



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**FERNANDA DAYSY FERNANDES DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA:  
UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS CONTOS DE FADA**

CAJAZEIRAS

2012

**FERNANDA DAYSY FERNANDES DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA:  
UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS CONTOS DE FADA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dranda. Hercília Maria Fernandes

CAJAZEIRAS

2012

**FERNANDA DAYSY FERNANDES DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA:  
UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS CONTOS DE FADA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras-PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da prof<sup>ª</sup>. Dranda. *Hercília Maria Fernandes*.

Aprovada em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dranda. *Hercília Maria Fernandes* - Orientadora  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof. Dr<sup>ª</sup>. *Zildene Francisca Pereira* - 1º Examinador Titular  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. *Edinaura Almeida de Araújo* - 2º Examinador Titular  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dranda. *Maria Janete de Lima* - 3º Examinador Suplente  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

**Dedico:**

Aos Professores dos Anos Iniciais do Ensino fundamental,  
que se dedicam, dia a dia, às atividades da docência.  
Na tentativa de se promover uma educação melhor e igualitária para todos,  
desenvolvendo, na prática, metodologias de ensino eficazes  
para atender as necessidades de todos os envolvidos  
no processo de ensino-aprendizagem da leitura.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus por me conceder sabedoria, força e perseverança na caminhada para realização deste sonho.

Aos meus pais, Joilton Fernandes de Sousa (*in memoriam*) e Gerlane Fernandes de Sousa, por me ofertarem uma boa educação, fazendo-me enxergar que através da educação conseguiria uma formação profissional.

À minha avó, Severina Fernandes, que durante jornada acadêmica sempre esteve junto, me apoiando e ofertando-me palavras de força e determinação.

À minha tia, Regiane Fernandes, a qual eu a chamo carinhosamente de Giane, pelo apoio e o incentivo.

Aos meus irmãos, João Neto e Fernando Fernandes, por me disponibilizarem o único recurso o tecnológico (computador) sempre que precisava.

À minha orientadora, Hercília Maria Fernandes, por me subsidiar aporte teórico durante a escrita monográfica e pela sua paciência mostrando sempre os caminhos certos a serem seguidos.

Às minhas amigas Carliane, Claudia, Francineide, Marciana e ao amigo Tarcio por um laço amigável construído ao longo desses quatro anos e meio.

À Aucilene Barroso e Maria Sarmiento pela partilha de estudos durante a construção monográfica.

À Fernanda Hiarlla, Ricelia Fernandes e Dayse Anne por partilharmos juntas as angústias e as alegrias vivenciadas durante os períodos de estágios.

Aos meus professores e colegas de classe por termos construídos verdadeiras amizades e acima de tudo aprendido ao longo dessa vida acadêmica.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para realização deste sonho.

A todos vocês os meus agradecimentos,

***Fernanda Daysy Fernandes de Sousa.***

“O importante é motivar a criança para leitura,  
para a aventura de ler”.

***Ziraldo***

## RESUMO

A leitura é um eixo norteador para a compreensão de eu, outro e mundo. Ela proporciona, igualmente, viagens e descobertas fascinantes que contribuem para a formação do sujeito crítico-reflexivo, haja vista ampliar competências imaginativas e reflexivas, oferecendo subsídios ao questionamento. Tendo por base essas elucidações, a monografia intitulada “A literatura infantil no desenvolvimento da leitura: uma reflexão em torno dos contos de fada”, propõe discussões sobre as contribuições dos contos de fada na formação do leitor, pressupondo que o gênero literário estimula o prazer da leitura e o desenvolvimento psicoemocional da criança. A inspiração para realização deste trabalho monográfico surgiu das primeiras reflexões em torno do objeto, “os contos de fadas no desenvolvimento da leitura”, motivadas por um aporte teórico que evidencia a relevância do texto literário à formação do leitor. Desejo que se ampliou com a pesquisa de campo realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa, situada na cidade Sousa–PB. Em termos metodológicos, a investigação se define como “estudo de caso”, e visa compreender o objeto de estudo em situações vivenciadas no âmbito da sala de aula. Assim, almeja-se “analisar o trabalho docente com os contos de fada para o desenvolvimento da leitura e formação do leitor”. Desse modo, o estudo se desenvolveu mediante etapas em que foi feita a observação na sala de aula do 4º Ano B e a aplicação de questionários aos sujeitos participantes. Estratégias que permitiram analisar as respostas dos sujeitos ao que se observou na prática desenvolvida pela professora. Nesse sentido, a monografia apresenta-se estruturada em três capítulos. No primeiro, historiciza-se o surgimento da literatura infantil associando-o a constituição histórico-social da concepção de infância. Igualmente, realiza-se uma historiografia da literatura infantil no Brasil, bem como se discutem os gêneros literários e, sobretudo, as contribuições dos contos de fadas no desenvolvimento da criança e na formação do leitor. No segundo capítulo, debatem-se as políticas de formação de leitores, efetivamente as políticas empreendidas a partir de 2006, cuja finalidade consiste em definir ações para qualificar os profissionais, os espaços e as condições materiais das escolas para a socialização da leitura. O capítulo também comporta a apresentação do *lócus* da empiria, propondo uma comparação analítica entre as políticas de letramento às condições localizadas na instituição-campo de pesquisa. No terceiro capítulo, propõem análises críticas em torno de como acontece o processo de ensino-aprendizagem da leitura, onde se constata que o ensino e a prática de leitura, no universo da sala de aula investigada, ainda acontecem sob uma ótica pragmática, visando à atividade técnica da gramática. Realidade que suscita por parte da educadora a reflexão de suas concepções de leitura, de modo a desenvolver metodologias de ensino que motivem os alunos às práticas prazerosas de leitura, considerando que os educandos demonstram gostar de ler, porém precisam ser estimulados a exercitar a leitura a partir de uma diretriz reflexiva e não mecânica.

**Palavras-chaves:** Criança. Contos de fada. Práticas de formação de leitores.

## ABSTRACT

The reading is a guiding principle for the understanding of self, others and the world. It provides also travel and fascinating discoveries that contribute to the formation of critical-reflective subject, given broaden skills imaginative and reflective, offering subsidies to questioning. Based on these clarifications, the monograph entitled "Children's literature in reading development: a reflection on the fairy tale" proposes discussions on the contributions of fairy tales in the formation of the reader, assuming that the literary genre stimulates the pleasure Reading and psycho-emotional development of the child. The inspiration for this work came the first monographic reflections around the object, "fairy tales in reading development," motivated by a theoretical framework underlying the importance of the literary text to the formation of the reader. Wish widened with field research conducted in the State School of Basic Education Demonstration Sousa, Sousa located in the city-PB. In terms of methodology, research is defined as "a case study", and aims to understand the object of study in situations experienced in the classroom. Thus, the goal is to "analyze the teaching work with fairy tales for reading development and training of the reader." Thus, the study evolved through stages in which the remark was made in the classroom of 4th Year B and questionnaires to subjects. Strategies that helped analyze the subjects' answers to what is observed in practice developed by the teacher. In this sense, the present monograph is structured into three chapters. At first, historicizes up the appearance of children's literature associating it with social-historical constitution of the concept of childhood. Also, we make a historiography of children's literature in Brazil, as well as discussing the literary genres and especially the contributions of fairy tales in child development and education of the reader. In the second chapter, to discuss training policies readers effectively policies undertaken since 2006, whose purpose is to define actions to qualify professionals, spaces and material conditions of schools for the socialization of reading. The chapter also includes the presentation of the empirical locus, proposing an analytical comparison between the policies of literacy conditions in the institution-located research field. In the third chapter, offer critiques around how does the process of teaching and learning of reading, where it notes that the teaching and practice of reading in the classroom universe investigated also happen under a pragmatic perspective, aiming to activity technical grammar. Reality that raises by the educator reflection of their conceptions of reading, in order to develop teaching methods that motivate students to practice reading pleasurable, considering that students demonstrate enjoy reading, but need to be encouraged to exercise the reading From a guideline and not reflective mechanics.

**Keywords:** Child. Fairy tales. Practices of formation of readers.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA E DA LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>13</b>
1.1 A Literatura Infantil no Brasil.....	18
1.2 Os Gêneros da Literatura Infantil.....	20
1.3 Maravilhando-se com os Contos de Fada.....	23
1.4 Leitura de Mundo: a Reflexão na Formação do Leitor.....	26
<b>2 OS CONTOS DE FADAS UMA ATRAÇÃO PARA O PRAZER DA LEITURA....</b>	<b>30</b>
2.1 Políticas em Favor da Formação do Leitor.....	34
2.2 Escola: espaço de Socialização e Desenvolvimento da Leitura.....	37
2.3 Educador e Educando diante dos Contos de Fadas.....	38
<b>3 VIVENDO A REALIDADE E CONSTRUINDO APRENDIZADO.....</b>	<b>41</b>
3.1 Analisando e Construindo Significados no Processo de Ensino- Aprendizagem.....	43
3.2 Analisando e Tecendo Reflexões sobre os Questionários dos Educandos.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>61</b>
Apêndice A – Questionário Docente.....	62
Apêndice B – Questionário Discente.....	64
<b>ANEXOS.....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

A leitura é umas das atividades mais importantes na formação do sujeito crítico-reflexivo. Através dela, o homem torna-se mais autêntico, desenvolve uma identidade autônoma que contribui no enfrentamento das diversas situações e contradições existentes nas sociedades capitalistas. É pela leitura que o sujeito desenvolve as capacidades de reflexão, análise e comunicação, ampliando competências que colaboram para formar e expressar o seu ponto de vista diante os acontecimentos da sua existência subjetiva e objetiva. Haja vista que a leitura possibilita ampliar a visão de eu, outro e mundo, colaborando para uma compreensão mais ampla da realidade, sobretudo em relação aos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais que constituem as estruturas da sociedade.

Nessa perspectiva, a leitura é um eixo norteador para o processo de ensino e aprendizagem. Outro aspecto que a leitura, igualmente, proporciona ao leitor, diz respeito às viagens e às descobertas fascinantes, que vêm contribuir de forma significativa para a formação do sujeito crítico-reflexivo, fazendo com que ele se encontre na leitura e desenvolva a sua autonomia e criticidade. Desenvolva o seu pensamento e a sua percepção sobre os problemas que cercam a sociedade, bem como o auxilia na resolução de seus conflitos interiores.

Tendo por base essas elucidações, a monografia intitulada “A literatura infantil no desenvolvimento da leitura: uma reflexão em torno dos contos de fada” propõe discussões sobre as contribuições dos contos de fada na formação do leitor, pressupondo-se que este gênero literário seja um meio para estimular o prazer da leitura, assim como ofertar subsídios para o desenvolvimento psicoemocional da criança no processo de formação de leitura. Assim, defende-se a relevância de se trabalhar com a literatura infantil, em específico com os contos de fada, como forma de aguçar o prazer pela leitura. Todavia, considera-se que o público infante-juvenil apresenta afinidade para com esse gênero literário por consistir narrativas que propiciam uma melhor compreensão da realidade. Nesse sentido, o leitor se identifica com os personagens fictícios e vivencia, pela imaginação, os acontecimentos da história, usando a fantasia para refletir a sua realidade. Dessa forma, evidencia-se a importância de se trabalhar com esse gênero literário, ambicionando fomentar a formação do leitor e, conseqüentemente, a construção do sujeito crítico-reflexivo.

A inspiração para a realização deste trabalho monográfico surgiu dessas primeiras reflexões e problemáticas, sendo o objetivo de realização ampliado pela revisão de literatura,

bem como pela pesquisa de campo realizada na **Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa**, situada na cidade Sousa – PB. A pesquisa, em termos metodológicos, se define como um “estudo de caso”, visando compreender o objeto de estudo “os contos de fada no desenvolvimento da leitura” em situações concretas, de modo a analisar a relevância deste gênero textual no desenvolvimento e na formação do leitor. Assim, os procedimentos metodológicos adotados permitiram identificar sujeitos de pesquisa, definir instrumentos de coleta de dados e a análise sistemática dos dados.

De acordo com André (1984), o estudo de caso consiste uma metodologia complexa utilizada por pesquisadores de diversas áreas, e visa investigar uma dada organização ou instância, que, por sua vez, “[...] pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola, uma instituição, um programa, etc.”(1984, p. 51). Assim, o método do estudo de caso se desenvolve mediante determinadas etapas ou fases, dentre as quais se destacam:

[...] *a fase exploratória* - momento em que o pesquisador entra em contato com a situação a ser investigada para definir o caso, confirmar ou não as questões iniciais, estabelecer os contatos, localizar os sujeitos e definir os procedimentos e instrumentos de coleta de dados; *a fase de coleta dos dados* ou de delimitação do estudo e a *fase da análise sistemática dos dados* [...] (ANDRÉ, 2005, apud DEUS; CUNHA; MACIEL, 2010, p.5, grifos dos autores)

Ao identificar o objeto de estudo, foram levantadas perguntas que norteassem a investigação, destacando-as: Quais as metodologias a docente utiliza para estimular a leitura? Com quais gêneros literários trabalha em sala? Como avalia o interesse do aluno pela leitura? Qual a visão dos alunos em relação ao trabalho da docente? Quais histórias infantis os discentes mais gostam? Essas e outras perguntas impulsionaram o senso de pesquisadora, haja vista que o desejo de investigar pressupõe o desejo de conhecer aspectos ocultos de uma realidade.

Partindo desse pressuposto, foram elaborados os objetivos, geral e específicos, que conduzissem a investigação, respondendo as perguntas que impulsionaram o desejo de pesquisar. Nessa perspectiva, definiu-se como objetivo geral “analisar o trabalho docente com os contos de fada para o desenvolvimento da leitura”. Este objetivo teve como finalidade conhecer o trabalho da educadora com esse gênero literário, identificando se acontece de forma pragmática, visando apenas uma atividade técnica de gramática ou se de forma reflexiva, contribuindo para a formação do leitor e, conseqüentemente, à formação do sujeito crítico-reflexivo.

A partir do objetivo geral, foram elaborados três objetivos específicos a fim de atender ao que estava sendo investigado: identificar os gêneros literários utilizadas pela docente para aquisição da leitura; descobrir a visão dos alunos em relação aos contos de fada; conhecer estratégias metodológicas utilizadas pela docente para incentivar o hábito de ler”.Esses objetivos subsidiaram a busca por respostas às questões problematizadorasque nortearam a pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, participaram da pesquisa sujeitos da sala do 4º Ano B, da instituição anteriormente mencionada, entre eles, a docente e 22 alunos. Sendo este espaço o *locus* do estudo de caso, foi utilizada como instrumento de investigação a observação que se iniciou no dia 19 de setembro a 7 de outubro de 2011, totalizando quinze dias. A observação foi um procedimento bastante importante pararealizar, posteriormente, a análise dos dados. Esta etapa proporcionou uma visão da realidade, de como acontece o processo de ensino-aprendizagem da leitura na prática, e, sobretudo, se as respostas dos sujeitos aos questionários aplicados correspondiam às práticas observadas. Tendo em vista que: “[...] A observação é procedimento empírico e sensorial. Deve ser precedida de uma fundamentação teórica. Consiste em um exame minucioso que requer envolvimento e atenção do pesquisador na coleta e análise dos dados. [...]” (DEUS; CUNHA; MACIEL, 2010, p. 7).

Nesse sentido, durante a fase de observação, utilizou-se também do questionário como instrumento de coleta de dados, a partir de questões discursivas e de múltipla escolha destinadas a todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. As questões foram elaboradas a partir de estudos sistemáticos com os teóricos que defendem os contos de fada como meio para aguçar e formar leitores. As perguntas elaboradas para o questionário foram oriundas de estudos realizados por autores como Abramovich (1997), Fernandes (2010), Freire (2003), Gatti (2010), Lacerda (2004), Martins (2006), Ziberman (1998), entre outros, que propõem discussões em torno da importância da leitura literária na formação do leitor e, conseqüentemente, do sujeito crítico-reflexivo, assim como destacam as contribuições dos contos de fada, e de outros gêneros, no desenvolvimento integral da criança-leitora.

Assim, a finalidade da observação, bem como dos instrumentos de empiria utilizados no *locus* de pesquisa, foi de realizar uma comparação crítico-analítica entre as respostas dos sujeitos ao que eles vivenciam na prática, buscando estabelecer sentidos aos seus discursos e práticas. Dessa forma, entende-se que os procedimentos e instrumentos utilizados na investigação mostraram-se adequados, atendendo as expectativas da pesquisa.

Propostas as discussões em torno do objeto, problemáticas pertinentes, objetivos, metodologia e procedimentos de pesquisa, convém que se apresente a estrutura da

monografia. O texto monográfico encontra-se distribuído em três capítulos, onde se realizam sistematizadas discussões, a partir de aporte teórico consultado, sobre a literatura infantil como meio que viabiliza a formação do leitor.

O primeiro capítulo aborda aspectos da contextualização histórico-social da concepção de infância associando-os ao surgimento e à institucionalização da literatura infantil. Haja vista que a infância vinha sendo representada, desde o século XII passando pela Modernidade (XVII e XVIII), na tentativa de reconhecer a criança na sua singularidade. No capítulo, elucidam-se discussões em torno da criação, reconhecimento e institucionalização do gênero literário infantil nas instituições de ensino, a partir de uma definição do que consistia a infância. Igualmente, realiza-se um debate histórico da introdução da literatura infantil no Brasil; do reconhecimento e distinção entre os gêneros literários; e, especialmente, das contribuições dos contos de fada no desenvolvimento psicoemocional da criança e a importância da leitura de mundo na formação do leitor.

No segundo capítulo debate-se as políticas de formação de leitores, mas efetivamente as ações empreendidas a partir de 2006, cuja finalidade consiste em definir políticas para qualificar os profissionais envolvidos na formação do leitor, assim como determinar ações para qualificar os espaços e as condições materiais para socialização da leitura, como as bibliotecas em seus aspectos físicos e o acervo de livros. O capítulo também comporta a apresentação de *dóculos* de pesquisa, bem como os métodos de investigação que vislumbram realizar uma comparação analítica com as ações das políticas de formação do leitor ao funcionamento da instituição-campo de pesquisa.

O terceiro capítulo constitui a análise crítica da pesquisa, cuja finalidade consiste em refletir, e evidenciar, como acontece o processo de ensino-aprendizagem da leitura. Dessa maneira, verifica-se que o ensino e a prática de leitura ainda acontecem, no universo da sala de aula investigada, sob uma ótica pragmática, visando, sobretudo, à atividade técnica da gramática. Nesse sentido, em termos de considerações finais, compreende-se que a educadora precisa rever as suas metodologias de ensino, e especialmente conhecer a finalidade de se trabalhar com a leitura, cujo objetivo centra-se em formar leitores competentes, que estejam aptos a atuar, conscientemente, nas diversas dimensões e demandas da sociedade capitalista. Por outro lado, constata-se que os educandos gostam de ler, porém precisam ser motivados a exercitar a leitura a partir de uma diretriz reflexiva e não mecânica. Assim, verifica-se que a educadora precisa rever as suas concepções e desenvolver metodologias de ensino dinâmicas e lúdicas que motivem os alunos à prática prazerosa da leitura.



## CAPÍTULO I

### **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL**

A concepção de infância, no Ocidente, historicamente se constituiu enquanto uma noção construída baseada nos princípios e modelos de constituição familiar, determinada por uma classe burguesa dominante e pela organização social da modernidade. Durante muito tempo, as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, não existindo diferenciação entre os períodos de vida dos adultos e das crianças (ARIÈS, 1978).

Em meados do século XII, no apogeu da sociedade Medieval, os artistas representavam um conceito de infância por meio da pintura. Todavia, as cenas retratadas correspondiam a do “Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas” (ARIÈS, 1978, p. 50). Essa arte era representada por oito infantes, cujas características do corpo não eram de uma criança, mas de um homem em miniatura. Por muito tempo, as crianças foram representadas sob a ótica religiosa. A princípio por anjos, vislumbrando educar jovens adolescentes para ajudar na missa. Segundo, pela história do menino Jesus ou pela história de Nossa Senhora menina. E a terceira representação da infância volta-se para uma fase gótica, onde o menino Jesus aparece despido ou enrolado em cueiros (ARIÈS, 1978).

A representação de crianças sob a égide religiosa seria substituída pela iconografia leiga, cujas cenas se desenvolveriam por meio do cotidiano das crianças em que se retratavam as suas brincadeiras, as crianças assistindo os milagres ou as crianças aprendizes de ourives. A partir dessas representações, propaga-se um sentimento moderno de infância em que a criança é representada sob os cuidados da família. Nesse período, a infância não continha muita importância, porém com o novo sentimento de infância sob a ótica moderna, as famílias mostram-se atenciosas com essa fase da vida humana, passando a enxergar a criança na sua singularidade, muito embora as cenas representadas pelos artistas sejam de crianças mortas e de suas famílias chorando a sua perda (ARIÈS, 1978).

A partir da descoberta da infância, surge no seio da família um sentimento de infância moderno em que a criança é vista pela sua singularidade e ingenuidade que, segundo Ariès (1978), é chamado de sentimento de “paparicação”, onde as crianças eram educadas e cuidadas pelas suas mães. Posteriormente, surgem as infâncias moralistas criadas pelos eclesiásticos ou homens da lei, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

Evidencia-se, então, um longo percurso histórico na tentativa de se estabelecer uma concepção de infância. Todavia, é nítida a influência da organização social na conceitualização e no reconhecimento da infância enquanto fase singular da vida humana. Posteriormente, surgiram outras discussões, por volta dos séculos XVII e XVIII, no auge da sociedade Moderna, para consolidar um novo conceito de infância, bem como introduzir as crianças na

sociedade através de práticas pedagógicas vinculadas ao gênero literário. Nesse período, discutia-se, no seio da sociedade capitalista em consolidação, a produção e a publicação de gêneros literários destinados às crianças. Uma discussão que se solidifica no apogeu da Idade Moderna com a decadência da hierarquia feudal.

Dentro desta perspectiva, Zilberman (1998, p. 13) vem enfatizar reflexões em torno da importância de uma nova constituição familiar para reconhecimento da infância enquanto fase singular, bem como para criação e publicação de gêneros literários destinados a esse público. Todavia, a autora defende a íntima ligação entre literatura e escola, pois ambas estão atreladas a um objetivo comum da dominação e manipulação intelectual e emocional da criança, com a finalidade de introduzi-la na vida em sociedade. Assim, essas obras literárias eram produzidas por pedagogos que vislumbravam, por meio dos textos, uma ação didática. Nesse sentido, Amarilha (1997), na direção de Zilberman (1998), igualmente associa o surgimento do gênero literatura infantil à escola:

A necessidade de educar essa nova geração e introduzi-la nos moldes civilizatórios que se impunham, com a Revolução Francesa e o processo de industrialização, em toda a Europa, criavam também espaço para a produção cultural ao público emergente. Nasce, assim, uma literatura de cunho didático, em que o lúdico é apenas um recurso para a instrução.

Diante das modernidades ocorridas sobre as conjunturas da sociedade capitalista da época, percebe-se a necessidade da criação e publicação de um gênero literário para civilizar e educar as crianças para atuar na sociedade. Assim, com a nova constituição familiar, as crianças passaram a ser vistas pela singularidade e fragilidade biológica. Todavia, a literatura do século XVIII começou a propagar através de seus escritos como um modelo familiar sob a ótica burguesa, onde se valorizava a união familiar, e o bem-estar da criança. Ao contrário da hierarquia feudal da época, em que as crianças eram vistas como uma ponte de negociações econômicas entre famílias. Nessa perspectiva, Zilberman (1998, p. 14) enfatiza que: “[...]. Da dissolução desta hierarquia nasceu e difundiu-se um conceito de estrutura unifamiliar privada, desvinculada de compromissos mais estreitos com o grupo social e dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno”.

É com base no modelo de família burguesa que os adultos começam a enxergar as crianças de um modo especial, se responsabilizando para que elas venham a atingir a vida adulta de forma madura, preservando a sua inocência para que elas não sejam corrompidas pela degradação moral dos adultos, pois, segundo a nova concepção de infância, as crianças são indivíduos improdutivos do ponto de vista econômico. Para o imaginário da sociedade

capitalista, as crianças passam a ser vistas como um reflexo, uma projeção de sujeito ideal que a sociedade espera que futuramente se torne. Com a mudança de visão, as crianças tornam-se ilhadas pelos anseios e desejos dos adultos, da sociedade e das instituições de ensino, onde se projetam na criança aquilo que não conseguiram ser ou exercer, vendo nestes sujeitos cobaias para as suas realizações.

A partir da nova constituição familiar, a literatura infantil começou a ser institucionalizada nas escolas, pois, na época da hierarquia feudal, as crianças e os adultos compartilhavam dos mesmos textos literários. Assim, com o surgimento e a valorização da infância, começou-se a produzir escritos literários de acordo com a faixa etária das crianças e com uma finalidade educativa, já que as obras literárias eram escritas por pedagogos, visando formar o indivíduo de acordo com os hábitos e valores da burguesia. Nesse sentido, a introdução do livro na escola nasce da relação escola-literatura infantil, cuja parceria almejava formar as mentalidades das crianças, influenciando também o imaginário de suas famílias (FERNANDES, 2010).

Assim, a aproximação entre literatura infantil e escola, historicamente, se constituiu por ambas terem compartilhado do mesmo objetivo, que, inicialmente, correspondia a formar o indivíduo para a sociedade, bem como controlar e manipular o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. Nessa perspectiva de entendimento, a literatura ao se institucionalizar na escola apresentou apenas finalidade pragmática, que correspondia à “[...] manipulação da criança, conduzindo-a ao acatamento da norma vigente, que é também a da classe dominante, a burguesia” (ZILBERMAN, 1998, p. 20). Assim, percebe-se a manipulação da visão dos adultos sobre as crianças, fazendo com que sejam incutidas nas histórias infantis normas, valores, hábitos e comportamentos de uma classe dominante em ascensão, com a finalidade de reproduzir os seus ideais de homem e sociedade.

A partir da introdução do livro na sala de aula, a literatura e a escola passaram a defender um objetivo comum de formar o indivíduo para atuar na sociedade, por meio dos ensinamentos incutidos nos clássicos literários. Com a inserção do objeto livro nas instituições de ensino, a literatura, por sua vez, passou a assumir um duplo papel: o de proteger as crianças das corrupções da sociedade e o de introduzi-la na vida adulta. Na idade Moderna, as crianças eram tiradas do seio de suas famílias e enclausuradas em um sistema de ensino, onde o mestre era o dono do saber e as normas e valores ensinados eram de acordo com a classe dominante, isto é, a classe burguesa. Realidade que acabava alienando e corrompendo as crianças. A esse respeito, Zilberman (1998, p. 19) destaca que:

O sistema de clausura coroa o processo: a escola fecha a suas portas para o mundo exterior [...] Por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e valores da classe dominante que são transmitidos ao estudante [...] É neste momento que a educação perde a sua inocência, e a escola, sua neutralidade, comportando-se como uma das instituições encarregadas da conquista de todo o jovem para a ideologia que sustenta, por ser a que suporta o funcionamento do Estado e da sociedade.

Evidencia-se assim que a escola moderna não funcionava de forma coletiva, mas de portas abertas para a socialização ideológica homogeneizada. A escola era vista como um veículo de divulgação ideológica, de valores e normas da classe dominante em ascensão. Dessa forma, a escola passou a exercer um papel manipulador, quando passou a obedecer e a ensinar de acordo com os preceitos da classe dominante. A literatura infantil, por sua vez, passou a propagar as ideologias burguesas por meio das histórias, enredos, experiências e comportamentos dos personagens fictícios. Tendo em vista que:

[...] a obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja através da atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma lingüística ainda não atingida por seu leitor, devido a sua falta de experiência mais complexa na manipulação com a linguagem. Assim sendo, os fatores estruturais de um texto de ficção – narrador, visão de mundo, linguagem – podem se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia (ZILBERMAN, 1998, p. 20).

Assim, através das histórias infantis, os autores buscam transmitir as normas e valores de classe que compartilham, comunicando por meio da história e dos seus personagens o tipo de sujeito que a sociedade deseja. A introdução do livro na escola facilitou, assim, a propagação das normas impostas pela sociedade, em específico da classe burguesa. Através dos contos literários, os adultos ou a sociedade impõem e materializam os seus desejos e anseios, manipulando a criança a se tornar uma projeção dos seus ideais, colaborando para manutenção da divisão social de classes, dominante X dominado. Apreende-se, então, que as mudanças ocorridas nos vários aspectos da sociedade, social, político, econômico, etc., foram advindas da ascensão burguesa. Porém, o século XVIII consistiu o marco das transformações ocorridas nas conjunturas da sociedade, bem como para a consolidação e institucionalização da literatura infantil no âmbito social e educacional, reconhecendo a infância enquanto fase singular da vida do homem.

## 1.1 A Literatura Infantil no Brasil

Partindo do pressuposto de que a literatura infantil surgiu, na Europa, por volta do século XVII e XVIII, vislumbrando através das narrativas transmitir e formar as crianças de acordo com princípios da classe burguesa. No Brasil esta instauração literária ocorreu por volta do século XIX com a implantação da Imprensa Régia, surgindo assim as primeiras publicações para o público infantil (FERNANDES, 2010).

No Brasil, os primeiros livros de literatura foram introduzidos a partir das mudanças ocorridas na esfera política, social, cultural, econômica e educacional do país, época da transição entre a Monarquia e a República. Nesse período, segundo Fernandes (2010), afloram-se as discussões por parte dos intelectuais sobre a educação das crianças, fazendo surgirem mudanças no âmbito legislativo com o intuito de modificar o quadro do ensino público brasileiro, visto que o ato de aprender não se limita apenas ao espaço escolar, já que as crianças podem vir a construir conhecimentos em outra dimensão da sociedade, ou seja, através dos livros.

De modo similar ao europeu, a literatura e a escola, no Brasil, caminharam juntas, defendendo um único objetivo: formar o sujeito para atuar na sociedade. Assim, a literatura infantil nacional caminhou de “mãos dadas com a pedagogia”, cuja finalidade consistia em propor uma educação voltada à civilização e à modernização do país, surgindo narrativas de acordo com os níveis de desenvolvimento do público leitor. Porém, as obras brasileiras continuavam a propagar os interesses da elite burguesa (FERNANDES, 2010). Dessa forma, os primeiros exemplares de uma produção literária nacional surgiram no “entre-séculos” e giravam em torno de temáticas relacionadas ao patriotismo, ao civismo e à moralidade do país, quebrando a visão romântica da literatura europeia. Nesse sentido, conforme denunciava Monteiro Lobato, “[...] os modelos extraídos da Europa, sobretudo de *Cuore*, enfatizava a necessidade de se criar uma Literatura Infantil nacional onde as crianças pudessem morar” (FERNANDES, 2010, p. 39).

No Brasil de entre-séculos surgiram várias obras de autores como Viriato Correia, Arnaldo Oliveira Barreto e Olavo Bilac. Nesses livros, os escritores propagavam valores e as ideologias nacionalistas, cujas obras se apresentavam embaçadas nas modernas concepções de infância e criança, onde se vislumbravam fomentar contribuições para a civilização, modernidade e modernização do país. Assim, essas primeiras criações consistiam “livros para leitura”, carregadas de valores e intencionalidades pedagógicas que deveriam ser

internalizadas pelas crianças no ambiente escolar e socializadas com as famílias em seus lares (FERNANDES, 2010).

Desse modo, pode-se dizer que o gênero literário brasileiro surgiu, efetivamente, na figura de Monteiro Lobato (1882–1948), com a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicada em 1921. Uma história que gira em torno da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo e rompe com o tradicionalismo e sentimentalismo da literatura europeia. As obras de Lobato são fascinantes, propiciando ao leitor conhecimento de história, geografia, física, com o sábio Visconde de Sabugosa, de cultura popular com a Tia Nastácia, ou seja, são narrativas encantadoras e personagens memoráveis que levam a criança a se envolver nas aventuras e nas traquinagens da turma do sítio. Nesse sentido, Gatti (2010, p. 89) ressalta sobre as personagens:

[...] a faladeira Emilia criticando o sábio Visconde de Sabugosa, o qual crê apenas nos livros; Dona Benta, a adulta que acredita no poder da imaginação da criança, capaz de modificar o mundo; Tia Nastácia, a representante da credence popular [...] Narizinho e Pedrinho, as crianças de ontem de hoje e de amanhã, aberta ao mundo, em busca de felicidade [...]

São personagens inesquecíveis, que conduzem crianças a viajar na sua imaginação, compreendendo o seu mundo e fazendo grandes descobertas através das narrativas. Um bom exemplo das histórias de Lobato é *Os Doze Trabalhos de Hercules*, uma narrativa fascinante que leva a criança a conhecer um pouco da Grécia Antiga. Dessa forma, percebe-se o quanto as narrativas de Lobato contribuem para o desenvolvimento cognitivo da criança, propiciando um conhecimento amplo nas diversas áreas, bem como é um estímulo para o prazer da leitura. Segundo Fernandes (2010), Monteiro Lobato foi um dos responsáveis pela modificação da literatura brasileira, conjuntamente com Cecília Meireles e Vinicius de Moraes, pois eles produziam obras que valorizavam os sentimentos, o imaginário e o lúdico da criança, onde se observam também objetivos didáticos voltados para a sua aprendizagem.

As obras de Lobato foram bastante criticadas por fugirem das normas literárias. Cecília Meireles foi uma das escritoras que criticou o seu trabalho, sobretudo a *Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo*, pois entendia que os personagens de suas obras eram crianças mal educadas e que suas ações não contribuíam para a formação da criança: “[...] seus personagens são tudo quanto há de mais malcriado e detestável no território da infância [...]” (MEIRELES, apud FERNANDES, 2010, p. 41). Entretanto, apesar das críticas sofridas, a obra de Lobato se eternizou no imaginário social brasileiro e, mediante opinião de diversos autores, constitui

instrumento de aprendizagem, considerando que por meio das aventuras e brincadeiras, os personagens infantis lobatianos estão em constante processo de descobertas e aprendizagens.

Dessa forma, evidencia-se que é a partir de Lobato que os caminhos trilhados para a introdução de uma literatura infantil com características nacionalistas começa a ganhar sustentação. Especialmente, por suas obras serem baseadas na cultura, nos hábitos, nas crenças de um povo miscigenado, quebrando assim a moldes estilísticos da literatura europeia, de uma literatura bem distante da nossa realidade.

## 1.2 Os Gêneros da Literatura Infantil

A literatura infantil é um campo mágico que abrange vários gêneros literários, que buscam transmitir através da magia e do encantamento de suas histórias uma moral de cunho social, mostrando ao público leitor uma compreensão da realidade ao qual estão inseridos. Assim, fazem parte do acervo de gêneros literários as “fábulas”, “os contos de fada”, “as lendas” (contos folclóricos), a “poesia”, dentre outros gêneros.

Esses gêneros literários sempre estiveram presentes na vida das crianças, desde a contação realizada pela família até a sua introdução ao âmbito educacional, cuja finalidade pedagógica era de formar o indivíduo de acordo com os princípios da sociedade, bem como no seu reconhecimento enquanto sujeito especial e singular, de uma faixa etária diferenciada dos adultos. Nesse sentido, Abramovich (1997, p. 17) fala sobre a importância de se contar histórias para crianças. Mediante a autora, a contação de histórias é um momento de aprendizagem, de deixar a criança se envolver na história, suscitar o imaginário, propiciando uma viagem fascinante de descobertas e aventuras para compreensão do mundo ao qual está inserida. Em suas palavras:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor de brincadeira, de divertimento...(ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Dentro desta perspectiva, durante a contação de história, a criança se deleita sobre os fascínios das diversas situações vivenciadas pelos personagens, faz descobertas e se identifica com cada conto. As narrativas convidam o leitor a embarcar em uma viagem por vários lugares, conhecendo um pouco sobre história, cultura, valores e hábitos, propiciando descobertas e aprendizagens pelo imaginário. Assim, os gêneros textuais da literatura

infantilapresentam características e símbolos que são típicos de cada modalidade textual, contribuindo para o desenvolvimento do imaginário. Nesse sentido, destacam-se algumas obras e autores reconhecidos mundialmente, cujas histórias vêm sendo transmitidas de geração para geração.

A fábula é um gênero narrativo surgido no oriente na figura de “Esopo”, no século VI a.C. Destacam-se também nesse gênero literário as obras de “La Fontaine” (1621-1695). Esses tipos de narrativa são em geral curtas e contracenadas por animais que buscam transmitir vivências do cotidiano, bem como uma moral social. Várias são as obras de Esopo, destacando-as: *A galinha dos ovos de ouro*; *A Cigarra e a Formiga*; *A Tartaruga e a Lebre*; *As Árvores e o Machado*, dentre outras.

No Brasil, autores como Monteiro Lobato (1882–1948) e Ruth Rocha(1931) destacam-se no cenário literário, fazendo adaptações das obras de Esopo. Um dos clássicos de Monteiro Lobato é a fábula *A Coruja e a Águia*. Dentre as várias obras de Ruth Rocha, dentre as quais a fábula *A Primavera da Lagarta*. Dessa maneira, entende-se que as fábulas, através de personagens animados e inanimados, buscam elucidar um ensinamento moral ao leitor. Esse tipo de narrativa geralmente são oralizadas por professores, pais, avós, vislumbrando sempre uma ação didática.

Os contos de fada também é um gênero textual de grande relevância na formação do leitor. Segundo Oliveira (2010), essas narrativas já existem há milhares de anos, e são relatos de aventuras, de violências e de conflitos da vida cotidiana de pessoas da classe pobre, servindo apenas para descontração da classe leitora. Com o surgimento das fadas, este gênero literário adquiriu intencionalidades pedagógicas, sobretudo de contribuir na formação da personalidade das pessoas. Um dos grandes autores deste gênero literário é o Frances Charles Perrault (1628–1703), autor de vários contos reconhecidos mundialmente, entre eles estão: *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*, *O Pequeno Polegar*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul* e, o grande destaque, *Mamãe Gansa*.

No cenário dos contos de fada, Monteiro Lobato também se destacara no Brasil, porém inspirou-se para criar uma literatura nacional. No seu acervo literário destacam-se as obras: *A Menina do Nariz Arrebitado* (1920), *Memórias da Emilia* (1936), *O Poço do Visconde* (1937), *Serões de Dona Benta* (1937), *O Pica-pau Amarelo* (1939), *Aritmética da Emilia* (1935), entre várias outras que se esboçam entre a ficção e a realidade do indivíduo, contribuindo para a aprendizagem do educando.

Destacam-se no palco dos gêneros literários as lendas, típicas do folclore brasileiro. Essas histórias de origem popular vêm sendo contadas de geração para geração,

cuja finalidade é transmitir um acontecimento histórico através do sobrenatural, assim como assustar o público ouvinte por meio da fantasia com seres irreais. Nesse gênero literário destacam-se várias lendas entre elas estão: a lenda o do *Boitatá*, do *Boto*, do *Curupira*, do *Lobisomem*, do *Saci Pererê*, entre outras que envolvem seres sobrenaturais e que são frutos da fantasia e da cultura popular.

A poesia, por sua vez, também contribui na aprendizagem das crianças, no desenvolvimento psicoemocional, bem como propicia viagens e descobertas fascinante por meio da rima e dos ritmos lúdicos e dinâmicos que envolvem as palavrasna transmissão de um conhecimento aos leitores. A partir desse jogo das palavras, a criança consegue compreender o sentido que está incutido no texto, entre o que autor transmite e o que leitor compreende. Assim, o leitor compreende o texto por meio de uma apreensão imagística que o homem faz do mundo, se atrelado a um jogo dinâmico e lúdico das palavras, propiciando ao leitor prazer e compreensão na leitura da poesia. Segundo Amarilha (1997, p. 27–28):

Antes de articular qualquer palavra, antes de torna sonora nossa impressão do mundo, nós a tornamos imagens em nossas mentes. Sendo que o processo de linguagem poética não-narrativo, verifica-se que ele é antes de tudo sensorial, imagístico, exatamente da maneira como as crianças primeiro recebem impressão do mundo. [...] o jogo de linguagem se estabelece ao propor um desafio para o leitor descobrir o significado do poema.

O jogo das palavras aguça o imaginário do leitor, estabelece situações desafiadoras que o levará a descobrir os enigmas que estão incutidos na dinâmica lúdica das palavras, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia crítica do sujeito reflexivo. Assim, essa atividade lúdica da poesia conduz o leitor à viagem fascinante no jogo das palavras, transportando a criança para as emoções que estão incutidas nos livros, libertando-os das situações cotidianas. Nesse sentido, Amarilha (1997, p, 30) exaltava que: “[...] na exata duração da leitura e nesse período as relações com o mundo circundante se apagam. [...], ou seja, como diz a autora a criança vive um momento de dormência, esquecendo da sua realidade e mergulhando na fantasia e no jogo das palavras”.

Esse gênero literário sofreu várias críticas por parte das editoras, sobretudo pela forma como diversos autores escrevem. Segundo Abramovich (1997), os poetas brasileiros reconhecidos não têm suas obras publicadas, enquanto outros que não dominam o jogo e dinamização das palavras tem seus textos publicados. Nesse sentido, evidencia-se uma desvalorização para com a poesia, refletindo-se no âmbito escolar durante o processo de

ensino-aprendizagem, pois, pela forma como ela está posta e divulgada ao público, torna-se pouco atrativa. Nas palavras de Abramovich (1997, p. 66), destaque do autor.

TEM QUEM ACHE QUE A POESIA INFANTIL TEM QUE SER MORALIZADORA, falar de costumes edificantes, de como organizar o dia-dia [...] TEM QUEM ACHE QUE A POESIA TEM QUEM SER PEQUENININHA, bobinhas mimosinha e outrosinhos [...] TEM QUEM ACHE QUE A POESIA PARA CRINAÇAS DEVE TRATAR DE TEMAS PATRIÓTICOS, cívicos, fazendo com que alunos em coro recitem odes à pátria [...] TEM QUEM ACHE QU A POESIA INFANTIL DEVE FALAR DE ASSUNTOS PIEGAS: de órfãos abandonados, de escravos gratos, de cartas enviadas pelo pai que na guerra ou na prisão, da moça que foi abandonada etc. e tal [...].

Assim, compreende-se que é no jogo entre as palavras, rimas e ritmos, produzindo novos sentidos, que o leitor apreende as informações que estão incutidas nas poesias, ajudando-o a buscar respostas para resolver os seus conflitos interiores. Quando o autor propõe situações desafiadoras ao leitor, na tentativa de que ele descubra o enigma ou o sentido do texto, estes desafios são postos sob uma lógica controlada sem, no entanto, que o leitor deixe fluir e suscitar o seu imaginário e sua liberdade de apreensão e compreensão das palavras (AMARILHA, 1997). Dessa forma, entende-se que os gêneros literários são um ótimo meio de aguçar na criança o gosto pela leitura. Tendo em vista que as fábulas, os contos, a poesia e as lendas, com seus universos mágicos de suscitar o imaginário, contribuem para o desenvolvimento psicoemocional da criança e para o prazer da leitura.

### 1.3 Maravilhando-se com os Contos de Fada

Os contos de fada surgiram com os irmãos Grimm, Jacob (1785 –1863) e Wilhelm (1786 –1859), sendo que no princípio as histórias eram narradas e escutadas pela classe pobre, evidenciando-se a identificação do narrador e do público ouvinte para com o conto. Com o decorrer do tempo, esses contos sofreram mudanças e passaram a transmitir valores, hábitos e normas da classe dominante. Em geral, são narrativas que esboçam uma simbologia entre o bem e o mal, sendo representado por seres irrealis do tipo bruxas, fadas, que vivenciam histórias de amor, medo, insegurança, entre outros temas, com a finalidade de fazer o leitor compreender a realidade através de personagens fictícios. Nesse sentido, Martins (2010, p. 109) faz reflexões sobre a importância dos símbolos para apreensão do sentido do texto:

Como a mente é subjetiva, a criança capta informações que lhe são transmitidas na linguagem de símbolos, não na realidade cotidiana, mas cujo efeito é muito mais eficiente, uma vez que os acontecimentos reais são identificados e tornam-se importantes, devido ao significado que ela lhes atribui [...].

Assim, percebe-se a influência dos símbolos para conduzir o leitor a uma compreensão da realidade, auxiliando-o a resolver os seus conflitos interiores e compreendendo o sentido do texto. Haja vista que este é um dos objetivos dos contos de Grimm: transmitir ao público-leitor conflitos interiores que são enfrentados por muitas crianças, fazendo-o reconhecer na situação e conduzindo-o a resolver seus próprios problemas mediante a história narrada.

A literatura infantil, por sua vez, possibilita ao leitor um desenvolvimento intelectual e emocional. Permite através da leitura dos contos uma compreensão da realidade a qual o sujeito está inserido. Por meio da fantasia e do imaginário, as histórias levam o leitor a estabelecer um confronto entre ficção e realidade, ofertando uma reflexão e compreensão crítica de seu mundo. Nesse sentido, evidencia-se a importância dos contos de fada na formação do sujeito crítico, pois os contos estimulam o desenvolvimento imaginário, transmitem conhecimentos e vivências são refletidos pelos leitores. Nas palavras de Gatti (2010, p. 86–87):

Enriquecendo a imaginação da criança, a literatura infantil oferece condições de reflexão crítica, ensinando-a a liberta-se através do imaginário, levando-a a usar o raciocínio e a aceitar a liberdade e os limites, além de acrescentar mais encanto a sua vida. Dessa forma, representa significativa importância para a formação das crianças, também colaborando para efetiva iniciação da complexidade das linguagens, idéias, valores, e sentimentos que governam sua vida concreta.

Nesse sentido, a literatura infantil é uma fonte riquíssima de contribuições na formação do sujeito crítico. Além disso, inserir a criança, desde cedo, no mundo fantasioso dos contos de fada é de suma importância para o seu desenvolvimento psicoemocional. Tendo em vista que os contos infantis, do ponto de vista da psicanálise e da psicologia infantil, podem conflitar a imaginação do leitor, pois algumas histórias infantis retratam aventuras, violências, sentimentos de amor e de raiva, que remetem a criança a refletir sobre esses sentimentos, desenvolvendo mecanismos internos de lidar com as emoções. Um exemplo dessas considerações diz respeito à história do *Chapeuzinho Vermelho*, onde se evidencia um sentimento de rejeição à violência quando o *Lobo Mau* devora a *Vovó* e a sua *Netinha*, bem

como quando o *Caçador* salva-as abrindo a barriga do lobo. Outra história que trata sobre sentimentos condiz à história da *Cinderela*, cuja trama se desenvolve em torno de sentimentos como maldade e inveja. Além dessas, no acervo literário infantil existem várias outras histórias que trabalham os sentimentos e as emoções humanas. Nesse sentido, Gatti (2010, p. 90) esclarece uma das críticas elucidadas pela psicologia e psicanálise infantil em relação aos sentimentos inculcados nos contos de fada, advertindo que:

Do mesmo modo que uma criança tem a capacidade de amar seus pais, o mesmo sentimento pode ser substituído pelo ódio, por exemplo. Dessa forma, os contos fariam à vida mental e interior da criança, ao apresentar nas histórias temas conflituosos que são comuns à mente infantil e com os quais ela tem medo de se confrontar, devido aos reguladores sociais que determinam os valores com que ela convive.

Nessa perspectiva, tanto os símbolos representativos do bem quanto os do mal em que se desenvolvem o enredo ficcional podem influenciar no psicoemocional da criança, fazendo o leitor se identificar com a narrativa, buscando tomar atitude para resolver seus conflitos interiores. Durante a contação ou a leitura de um conto, as crianças tendem a se identificar com os personagens da história, principalmente com os heróis e mocinhas do conto. Através da magia, do encanto e dos fascínios da fantasia, a criança poderá compreender a si mesma, bem como a realidade em que está inserida. Tendo em vista que a literatura infantil, corroborando com Gatti (2010, p. 97), “[...] pode canalizar melhor a tarefa mais importante e também a mais difícil da formação do indivíduo: auxiliá-lo a encontrar significados na vida, a compreender melhor a si mesmo, a entender os outros e a se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa”.

Desse modo, evidencia-se uma das contribuições da leitura de contos no desenvolvimento psicoemocional da criança, compreendendo-se que por meio da fantasia e da magia, a criança irá se conhecer e conhecer melhor a realidade que ela vive. Ademais, as histórias buscam transmitir através dos arquetípicos (fadas, duendes, heróis, bruxas, onomatopéias) informações que fazem parte do cotidiano das crianças, contribuindo para o desenvolvimento imaginário e auxiliando-lhes na compreensão de informações como valores, normas, hábitos e uma moral que estão inculcadas nas histórias. Esses arquetípicos, segundo Martins (2010, p. 107), são elementos que ofertam ao leitor uma melhor compreensão do sentido do texto, haja vista que produzem “[...] o efeito de sentido de verdade que para a criança é aceito como ‘real’ [...]”. Nesse sentido, evidencia-se o quanto a imaginação da

criança é fértil em utilizar elementos como uma ponte para uma melhor compreensão da realidade.

É através dos contos, da subjetividade dos personagens e da identificação do leitor para com eles, que se desenvolve uma autoconfiança, uma independência, considerando que a situação da ficção vivenciada pelos personagens auxilia o leitor ou o ouvinte a uma melhor compreensão da realidade, fazendo com que se identifiquem e se posicionem diante de fatos reais, que estão sendo refletidos a partir da história, daí a importância da magia e da fantasia dos contos de fada. Nesse sentido, Martins (2010, p. 106) elucida que:

[...] a criança capta informações transmitidas pelos contos, que de uma forma subjetiva, por meio de situações que envolvem os personagens, constitui uma lição muito eficiente, que se transmite por meio de um discurso objetivo e denotativo.

Os arquetípicos é uma ponte na transmissão do conhecimento, bem como no desenvolvimento da autoconfiança do sujeito, pois esses elementos presentes nas narrativas auxiliam o leitor uma melhor compreensão. Nessa perspectiva, Martins (2010) e Abramovich (1997) esboçam reflexões em torno da representatividade dos arquetípicos que constitui as narrativas, a exemplo da imagem da bruxa comparada a uma pessoa velha e do mal. Conforme Abramovich (1997, p. 36) as mocinhas, princesas e príncipes “[...] são sempre protótipo da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupas imaculadas”. Ou seja, são dotados de características que muitas vezes não fazem parte da realidade das crianças, mas auxiliam na identificação dessas contradições, na compreensão da realidade e na resolução dos seus conflitos interiores.

Desse modo, evidenciam-se as contribuições e influências dos contos de fada no desenvolvimento psicoemocional das crianças, compreendendo que a fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para aguçar o pensamento crítico-reflexivo, pois, na medida em que a criança se identifica na história, ela desenvolve a sua autonomia e a criticidade.

#### **1.4 Leitura de Mundo: a Reflexão na Formação do Leitor**

A leitura é uma viagem fascinante que viabiliza ao sujeito aventuras e descobertas fantásticas, assim como promove o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança leitora, sendo a leitura um processo de interação entre o que o autor transmite e a interpretação que o leitor faz baseada na sua visão de mundo. Por outro lado, a leitura não se resume a um ato

mecânico de decodificar palavras, mas um ato reflexivo, permitindo ao leitor apropriar-se do vocábulo e refletir sobre o que o texto transmite. Parafraseando Freire (2003, p. 13), ler não é apenas decodificar palavras, mas uma compreensão de mundo. É a partir das vivências do sujeito dentro de seu contexto cultural que o auxiliaremos a formar opiniões para melhor compreender o sentido de um texto. Assim, evidencia-se que a visão de mundo está intrinsecamente atrelada à compreensão das palavras, se constituindo em uma atividade reflexiva do sujeito, passando-se de leitor receptor passivo para leitor ativo reflexivo. Nas palavras de Martins (2006, p. 32-33):

A leitura vai, portanto além do texto [...] O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com que convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor.

As vivências do sujeito, em seu contexto cultural, contribuem para a sua formação crítica, propiciando-lhe uma leitura de mundo associada à compreensão da realidade a qual está inserido, tornando-se um leitor ativo reflexivo. Nessa perspectiva, Lacerda (2004) elucida reflexões sobre dois problemas enfrentados pela escola com a atividade de leitura. A princípio, as instituições de ensino valorizam a leitura como uma atividade pragmática de decifrar palavras. Em segundo plano, a autora adverte para as variações linguísticas presentes nos textos literários, prevalecendo o dialeto da classe dominante. Nesse sentido, entende-se que as obras *Lobatianas* enfatizam sobre as diferentes variações linguísticas que circundam nas regiões do Brasil, contribuindo para o aprendizado e a compreensão do texto.

Assim, a formação do leitor reflexivo inicia-se a partir do momento em que ele passa a ser um leitor ouvinte, pois a contação de história pode suscitar o seu imaginário, fazendo com ele viaje nos delírios da fantasia e compreenda diversas situações, que vivenciou ou esteja vivenciando. Segundo Abramovich (1997, p. 16-17):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e se leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões [...] É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro [...].

As contações de histórias realizadas primeiramente pela família e depois pela instituição de ensino, podem despertar no aluno o gosto pela leitura. As aventuras, a magia, as brincadeiras vivenciadas pelos personagens levam o público leitor ou o leitor ouvinte a desenvolver o hábito de ler. Assim, durante a contação da história, o narrador, que podem ser pais, avós ou o professor, deverá embarcar junto na fantasia, pois a magia do *Era uma Vez...*, as onomatopéias, os ruídos, o jeito admirável dos personagens, são maneiras fascinantes de suscitar o imaginário e de chamar a atenção do público ouvinte. Nesse sentido, Abramovich (1997) esclarece como se deve contar histórias para crianças, levando-se sempre em consideração que o narrador deve ser conhecedor da narrativa para que ele possa provocar discussões ao término da contação, encenar através da oralidade, ou seja, provocar e aguçar o imaginário do ouvinte.

Como proferia Freire (2010), é na compreensão do seu mundo imediato, da sua fantasia vivenciada durante a sua infância no Recife, das histórias de almas penadas, do canto dos pássaros, de tudo que reportava à sua infância, que o educador se introduziu na compreensão do seu mundo imediato e no processo de “palavramundo”. Assim, contar histórias para crianças contribui para o desenvolvimento da construção do pensamento crítico e na aquisição de valores, normas e comportamentos sociais. Desse modo, entende-se que contar histórias para crianças com a finalidade de despertar e estimular o ato de ler é uma tarefa difícil de ser executada, pois o professor deve gostar de ler para poder transmitir aos seus alunos a importância e a contribuição da leitura na formação do sujeito crítico. Diante dessa problemática, Lacerda (2004, p. 32) diz:

Ensinar a criança a ler é uma das tarefas mais importantes da escola. Esta deve ser a preocupação de todos os professores que, em nossa sociedade, se dão conta de que a leitura não pode ser uma atividade apenas mecânica e didática [...] O ato de ler pode despertar no habitual ou potencial leitor, em especial na criança, um processo de descoberta irreversível que acompanham o crescimento físico e o desenvolvimento intelectual e emocional dela.

Nesse sentido, ensinar a uma criança a ler é uma atividade importante, mas difícil de ser executada. A professora, ou professor, precisa utilizar metodologias de ensino eficazes e dinâmicas para atingir o objetivo de estimular o hábito da leitura. Para se alcançar tal finalidade, é preciso que o docente proponha ao aluno situações motivadoras. Assim, uma das estratégias para se trabalhar com a leitura é levar em consideração a visão de mundo dos discentes, isto é, os conhecimentos prévios que eles adquirem durante sua convivência no seu grupo sócio-cultural. Tendo em vista que: “A leitura de mundo precede a leitura da

palavra”(FREIRE,2003, p. 13). Ou seja, é nessa articulação entre visão de mundo e compreensão do contexto que se arquitetava o conhecimento.

Nessa perspectiva, a escola pode, enquanto agente condutor do conhecimento, trabalhar com a literatura infantil, vislumbrando a formação do sujeito crítico-reflexivo, desenvolvendo através da magia dos contos de fada o prazer da leitura, fazendo com que os leitores se encontrem na história, passando da condição de mero receptor para autores da própria história. Em outras palavras, com a literatura infantil a criança irá se conhecer nas histórias infantis, se identificando com os conflitos vivenciados pelos personagens e desenvolvendo assim a capacidade crítico-reflexiva sobre a história lida, tornando-se um sujeito autônomo capaz de resolver seus conflitos interiores e atuar na sociedade como sujeito histórico. Para Yunes e Pondé (1988, p, 49):

[...] o exercício da leitura se coloca hoje em função do circuito de informações que controla a sociedade. Saber ler profundamente é inserir-se na discussão do poder; isolando o saber, evitando o querer, perpetua-se o gesto de dominação, em que o fazer está dissociado dos níveis de participação e decisão.

Em consonância com Yunes e Pondé (1988), a leitura é um veículo muito importante na formação do sujeito crítico, subsidiando ao sujeito informações que não o tornará mais alienado diante as ideologias de uma classe dominante, mas um sujeito participativo capaz de refletir e atuar na sociedade de acordo com seus princípios. Assim, evidencia-se o quão a leitura é importante e decisiva na participação dos sujeitos sobre as controvérsias da sociedade capitalista, visto que por meio dela o sujeito torna-se autônomo, passando a atuar, defender e impor seus princípios diante dos problemas sociais.

Além disso, trabalhar com a leitura, em específico com a literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental, é um estímulo na formação de leitores, cuja finalidade é a formação do sujeito crítico-reflexivo que a sociedade contemporânea tem reivindicado. Ademais, amplo é o caminho a ser percorrido para estimular o hábito de ler e formar o sujeito autônomo. Para isso, é necessário que tanto o docente, enquanto agente responsável pela mediação do conhecimento, quanto a família busquem valorizar e investir na literatura infantil como meio de aquisição da leitura e, conseqüentemente, na formação de leitores competentes e sujeitos críticos-reflexivos.



## CAPÍTULO II

### **OS CONTOS DE FADAS: UMA ATRAÇÃO PARA O PRAZER DA LEITURA**

A leitura não é apenas, conforme se refletiu anteriormente, uma atividade mecânica de decodificar palavras, mas um exercício reflexivo que viabiliza a formação do sujeito crítico. A prática da leitura é frequente nas vidas dos sujeitos desde o momento em que este passa a ser leitor ouvinte. Segundo Abramovich (1997), o primeiro contato da criança com o objeto “livro” se faz por meio da contação de histórias realizada pela mãe, pai ou avós, pois é a partir dessa narração que se começa a suscitar o imaginário e a desenvolver uma compreensão do mundo ao qual está inserido.

Dessa forma, é no diálogo entre autor e leitor que o indivíduo desenvolve a sua autonomia, tornando-se um sujeito crítico. Compartilhando-se do pensamento de Martins (2006), esse diálogo está sistematizado dentro de um tempo e espaço, mediado pelo livro para a compreensão do mundo exterior. Nesse sentido, os gêneros literários infantis propiciam ao leitor através do faz-de-conta, das aventuras, do lúdico e das astúcias de seus personagens, uma compreensão da realidade, pois são histórias que retratam o cotidiano das crianças, são narrações que falam de amor, de perda, de abandono, isto é, características vivenciadas pelas crianças. Tendo em vista que:

Os contos de fadas não falam só de amor mais de muitas situações que vivemos na realidade e isso incentiva uma reflexão sobre os desafios que temos que enfrentar no dia a dia. Por isso é muito importante que as crianças saibam que os contos de fadas falam do lúdico, do mágico, mais também tratam de coisas reais. (OLIVEIRA, 2010, P, 36)

Segundo Oliveira (2010), através do lúdico, do imaginário presente nos contos de fada, as crianças confrontam-se com os dilemas vivenciados pelos personagens, adquirindo uma compreensão da realidade, já que os contos estão imbuídos de um ensinamento que auxilia a criança a compreender o seu eu e o mundo que a cerca. Em virtude disso, os contos de fada ilustram uma moral social, visando incutir na formação psicoemocional e social do leitor normas e valores essenciais para a vivência em sociedade. Assim, a forma como os autores caracterizam os personagens em boas e más é relevante na formação da criança (MARTINS, 2010).

Por outro lado, trabalhar com contos literários com a finalidade de aguçar nas crianças o hábito de ler, é uma atividade prazerosa e fascinante, pois envolve o leitor em um mundo de magia e aventuras fantásticas, possibilita o desenvolvimento cognitivo, o autoconhecimento, bem como estar apto a resolver desafios encontrados na sociedade. Nesse sentido, Paiva & Oliveira (2010) afirmam que é por meio da fantasia e do imaginário que as crianças se reconhecem e reconhecem suas habilidades e dificuldades, aprendendo de tal

modo a lidar com elas. Em outras palavras, os contos infantis possibilitam à criança leitora a ampliação de visão de mundo. É por meio da interação entre o imaginário e as suas vivências dentro do seu contexto que o leitor irá construir a sua autonomia crítica. Para Martins (2006) um leitor aprende a ler a partir do seu contexto pessoal, isto é nas suas vivências dentro de seu grupo social, de sua comunidade.

Nesse sentido, trabalhar com a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental não é uma tarefa fácil, pois os educadores precisam ser bons leitores e quebrar paradigmas culturais que circundam sobre a prática de leitura. Por outro lado, as crianças precisam ser desafiadas às histórias e aos livros, cujo propósito é despertar a atenção para a prática de leitura. Uma situação motivadora são as visitas às bibliotecas, um espaço dinâmico de socialização da leitura, onde a criança desperta a curiosidade e faz grandes descobertas por meio dos livros. Assim, considera-se que:

É na biblioteca que os alunos viajam para além dos conhecimentos trabalhados em sala de aula, e a professora pode observar os interesses e as curiosidades que surgirão a partir da descoberta de outros livros [...]. Na biblioteca eles descobrem o mundo da literatura, aprofundam conceitos, aprendem histórias (PAÇO, 2009, p. 24).

Por conseguinte, evidencia-se a relevância do educador desenvolver uma prática pedagógica que contemplem situações motivadoras para aguçar no discente o prazer da leitura, para que eles vejam esta prática como uma atividade que os auxiliarão na formação do sujeito crítico-reflexivo. Assim, é importante considerar que a instituição de ensino não é a única responsável pela formação do leitor propriamente dito. Além dela, a família precisa contribuir para a formação da criança leitora, estimulando-a com contações de histórias, e investimentos em livros de literatura infantil, ao invés de games eletrônicos.

Desse modo, percebe-se que os responsáveis pela a formação da criança leitora não estão investindo em exemplares literários. A prática de leitura ou a da contação de história tem sido substituída pelos games, pelos programas de TV que muitas vezes não são educativos, enfim pelas novas tecnologias. Nesse sentido, Paço (2009, p. 20) destaca que:

Entre o computador, a televisão, os jogos eletrônicos, a música, a brincadeira na rua ou nas praças, a leitura ocupa sempre o último lugar na lista de diversão das crianças. Quando indagados sobre a leitura, e as historinhas infantis, as crianças afirmam que gostam muito, participam e se emocionam; esse resultado deixa claro que a dificuldade que alguns educadores ainda encontram em de formar crianças leitoras, não é um problema social, já que alguns pais têm poder aquisitivo para comprar livros e ler histórias para seus

filhos, mas mesmo assim preferem investir em outro meio de diversão. Não ler é um problema cultural, a criança lê pouco porque não é incentivada desde a infância.

Na reflexão, a autora esclarece a influência das tecnologias na formação do leitor, evidenciando que os pais preferem investir em games, que muitas vezes transmitem as crianças apenas violência, do que em livros que auxiliam na formação do sujeito pensante-crítico. Por consequência, torna-se um desafio o trabalho do professor no incentivo ao hábito de ler, carecendo quebrar paradigmas culturais, assim como investir em metodologias de ensino que despertem o estímulo na prática de leitura. Deste modo, Paiva e Oliveira (2010, p. 30) enfatiza que: “Para que haja êxito no processo de formação de leitor, o educador deve ter clareza de sua metodologia com a literatura infantil em sala de aula, despertar questionamentos e promover a construção de novos significados”.

Mediante esse ponto de vista, o educador deve propor aos alunos situações motivadoras e desafiadoras que os façam pensar e construir um conhecimento significativo a partir da prática da leitura, efetivando-se o pensamento crítico-reflexivo. Entre as estratégias motivadoras, as histórias narradas a partir das imagens de um livro literário ilustrativo chamam a atenção da criança fazendo-a viajar no mundo fantasioso das imagens. Nesse sentido, Abramovich (1997, p. 32) enfatiza que:

Oralizando essas histórias, colocando um texto verbal, desenvolvendo algumas das situações apenas sugeridas [...] ampliando um detalhe proposto e daí refazendo o todo, de modo novo e pessoal... Criando uma história a partir duma cena colocada, misturando várias, musicalizando alguma relação, sonorizando uma descoberta feita, inventando enfim as possibilidades mil que narrativas apenas visuais (quando inteligentes e bem-feitas) permitem e estimulam...

Assim, narrar histórias para crianças a partir de uma imagem é encantador, assim como deixar que o leitor crie um conto a partir da ilustração, provocando seu imaginário e desenvolvendo a sua autonomia, pois folhear um livro colorido, cheio de imagens aguça a imaginação. Dessa forma, é pertinente considerar os ouvintes como integrantes da história, fazendo com eles se vejam e se identifiquem com a narração, estruturando os contos no contexto pessoal do leitor ou ouvinte. Em outras palavras, o narrador durante a contação deve buscar envolver o ouvinte na história, fazendo-o que se identifique com os personagens e com o drama que está sendo narrado.

Além disso, é necessário apreciar a linguagem dos textos literários infantis, pois deve ser um dialeto simples, agradável e delicioso que faça chamar e despertar a atenção do leitor

para a história que está sendo narrada. Corroborando com Sosa(apud PAIVA; OLIVEIRA,2010, p. 26), considerar uma linguagem acessível ao público leitor torna-se importante para uma melhor compreensão da história que está sendo narrada. Nesse sentido, Paiva e Oliveira (2010)ressaltam a obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Monteiro Lobato, mostrando as adaptações linguísticas de acordo com o dialeto da turma do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, tornando o linguajar mais acessível ao leitor criança.

Considerando as opiniões das autoras, percebe-se como é importante considerar a estética estilística dos contos literários (bruxas, plantas, reis e rainhas, a linguagem, as onomatopéias presentes nas narrativas) no desenvolvimento da imaginação da criança leitora, fazendo com que ela a partir da fantasia construa o seu pensamento crítico reflexivo. Desse modo, os contos literários auxiliam na formação do leitor, já que são histórias com temas quem fazem parte do cotidiano das crianças, propiciando à formação do sujeito pensante, pois a partir de um conto ele irá refletir, se identificar e se encontrar na história, cabendo-lhe saber resolver seus conflitos interiores e exteriores. Assim, constata-se a importância dos contos literários na formação do leitor, considerando que além de contribuir para o desenvolvimento psicoemocional da criança, auxilia também para a ampliação cognitiva.

## **2.1 Políticas em Favor da Formação do Leitor**

Várias são as discussões no seio da sociedade em torno da prática da leitura, da formação do leitor propriamente dito, com vistas para o desenvolvimento do sujeito crítico, indivíduo que possa a vir atuar de forma competente sobre as conjunturas da sociedade capitalista.Ao longo dos anos, diversas pesquisas como: Retrato da Leitura no Brasil (2000), e a Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola (2006), foram realizadas para traçar o perfil do leitor brasileiro e quebrar mitos e paradigmas dentro da prática de leitura, buscando implementar, com base nos resultados, programas, como por exemplo: “Por uma Política de Formação de Leitores”, distribuída nas secretarias estaduais, municipais e no Distrito Federal, cuja finalidade consiste em formar, no Brasil, os leitores, qualificar profissionais responsáveis pelo ensino e prática de leitura e estruturar física e materialmente o espaço dinâmica de leitura, isto é, as bibliotecas.

Para se promover uma política a serviço da formação de leitores, faz-se necessário, no entanto, compreender o sentido do que é leitura e suas interferências na formação do sujeito pensante. Nesse sentido,Martins (2006)reflete que:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, na classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 2006, p. 22).

Dentro dessa perspectiva, a leitura é de suma importância para a formação integral dos indivíduos. Através desta prática, eles se libertam das opressões advindas das classes dominantes, tornando-se indivíduos participativos nas demandas que circundam a sociedade. Semelhante a Martins (2006), Berenblum (2006, p. 23), autora de *Por uma Política de Formação de Leitores*, concebe a leitura como meio de formar o sujeito para atuar na sociedade, conceitualizando-a como prática sociocultural que extrapola o âmbito da escola. Em consonância com a autora, entende-se que a leitura está, enquanto prática social, sendo executada além do espaço da escola, da prática de ensino. Considerando-se, também, como aquisição do aprendizado de leitura outras dimensões socioculturais propostas por Berenblum (2006), como o cinema, a música, o teatro, a dança, entre outros, compreendendo-se as diversas manifestações artísticas um meio de aprendizagem.

De forma semelhante aos posicionamentos de Martins (2006) e Berenblum (2006), os Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa (PCN's, BRASIL, 2001), que também consistem uma política, ofertam subsídios aos profissionais da educação, explanando reflexões em torno da prática e do ensino da leitura com vistas para uma perspectiva crítico-reflexivo.

Mediante a explanação de como deve ser executada o ensino e a prática de leitura, o Ministério da Educação busca investirem capacitações, que, segundo Berenblum (2006), são: Pró-Letramento e curso da Rede de Formação Continuada de Professores de Educação Básica, como ações essenciais para a qualificação dos profissionais responsáveis pela Formação de leitor. Além disso, não é apenas o docente o responsável pelo ensino e a prática de leitura, outros profissionais como os bibliotecários e os gestores carecem de uma formação continuada para reverem suas práticas pedagógicas e estejam aptos a trabalhar na formação de leitores. Contudo, as propostas incutidas nas formações continuadas precisam ser elaboradas mediante a realidade da instituição para que assim possam ser integradas ao cotidiano da escola. Nesse enfoque, Berenblum (2006) sugere uma nova formulação, deixando seu caráter plurianualmente e integrando as propostas pedagógicas dos sistemas micro de ensino.

A partir do exposto, a Política de Formação de Leitor (BERENBLUM, 2006) fomenta uma discussão em torno do papel do bibliotecário enquanto um dos responsáveis pela formação de leitores, pois se evidencia nas escolas que este profissional não tem formação acadêmica para assumir o cargo, sendo substituído por professores ou por outros profissionais que estão afastados de suas funções. Além dos profissionais citados, o gestor é um dos responsáveis pelo bom funcionamento da instituição e deve elaborar e implementar, juntamente com os demais componentes da comunidade escolar, políticas internas em favor da formação do leitor e da qualificação dos profissionais envolvidos neste processo.

Nesse sentido, para efetivar um ensino e prática de leitura eficientes, o docente precisa rever as suas metodologias de ensino, considerando que muitos dos professores não sabem utilizar o acervo literário existente na biblioteca escolar, bem como outros tipos de recursos metodológicos e dinâmicos que auxiliem a sua prática de ensino na formação de leitores. Nesse enfoque, a pesquisa avaliativa diagnóstica, realizada pelo Ministério da Educação, revela sobre a carência de uma política de formação de leitores nas práticas pedagógicas, destacando a relevância do esclarecimento suficiente dos professores sobre “[...] a utilização de acervos literários do PNBE em sua prática pedagógica gerou uma não-diferenciação das especificidades do livro-didático, paradidático, obra de referência e livros de literatura (BERENBLUM, 2006, p. 21).

Ainda com a pesquisa, o desconhecimento docente sobre os recursos didáticos disponíveis e as especificidades dos livros torna o ensino e a prática de leitura como uma atividade técnica sem nenhuma finalidade a atingir na formação de leitores. Daí se constata as contribuições das capacitações para os profissionais que trabalham diretamente na formação de leitores. Além disso, outro problema encontrado diz respeito às bibliotecas. Em muitas instituições de ensino, as bibliotecas são ambientes desagradáveis sem nenhuma atração e, muitas vezes, têm sido substituídas por cantinhos da leitura, rodas de leituras realizadas dentro da própria sala de aula, desvalorizando-se o espaço enérgico e socializador de estímulo à leitura. Outro problema que circunda as bibliotecas são os acervos de livros. Em muitos casos, as bibliotecas são constituídas de livros velhos, cujos conteúdos se apresentam inadequados à formação de leitores. Dentro dessa perspectiva, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), elenca ações em torno de como deve ser o espaço físico e a composição do acervo. A esse respeito, Berenblum (2006, p. 32), propõe que:

[...] a composição do acervo de bibliotecas escolares, considerando se a função mais ampla que deve exercer em sua comunidade, deve garantir

acesso a obras diversificadas, voltada tanto para crianças, adolescentes e jovens, quanto para professores e demais profissionais das escolas, como para adultos e pessoas das comunidades.

Nesse sentido, a biblioteca escolar necessita tornar-se um lugar plural, contento em seu acervo uma diversidade de livros, atendendo a todos os públicos leitores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, bem como aos sujeitos inseridos na comunidade a qual a biblioteca está situada. Em outras palavras, este ambiente é um lugar de descobertas, de reflexão e de construção da autonomia crítica que contribui para formação do leitor.

## **2.2 Escola: Espaço de Socialização e Desenvolvimento da Leitura**

Pesquisar pressupõe desejo de conhecer aspectos de uma realidade através de estudos sistemáticos e aprofundados. Dentro dessa perspectiva, o pesquisador imbuído da curiosidade de compreender se insere em um determinado *lócus*, com a finalidade de identificar, estudar e investigar o desenvolvimento do seu objeto numa determinada prática. Nessa direção de entendimento, a pesquisa foi realizada na **Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa**, uma instituição onde estão matriculados 281 alunos que se dividem em dois turnos, matutino e vespertino. A escola comporta em seu corpo docente 16 mestres, lecionando oito pela manhã e oito à tarde. A instituição é razoavelmente bem estruturada, tanto nos aspectos físicos quanto no aspecto pedagógico.

A biblioteca é um ambiente agradável, climatizado, organizada e com um acervo razoável. Apesar da boa estrutura, ela não é muito frequentada pelos alunos. A instituição disponibiliza do Projeto-Político-Pedagógico (PPP), que, segundo os funcionários, as ações são colocadas em prática. Este documento comporta ações em torno de um projeto de leitura visando à formação do leitor. Entretanto, durante a realização da observação, constatou-se que o projeto não é executado cotidianamente.

Nesse sentido, a observação *in lócus* realizou-se entre os dias 19 de setembro a 7 de outubro de 2012, na E.E.E. F. de Demonstração de Sousa, visando identificar no *lócus* o objeto de pesquisa desta investigação que corresponde aos “Os contos de fada no desenvolvimento da leitura”. Foram utilizados como instrumentos de investigação o questionário e os dados coletados na observação, para subsidiar uma visão panorâmica sobre como acontece a prática da docente com os contos de fada no desenvolvimento da leitura, comparando esta prática com as respostas dadas ao questionário elaborado e aplicado aos dois tipos de sujeitos envolvidos na pesquisa, alunos e professora.

A pesquisa é de caráter exploratório qualitativo, constituindo-se em um estudo de casorealizado na sala de 4º Ano B, com amostragem de 22 alunos e a professora regente da turma. O questionário destinado à professora abordou perguntas em torno de recursos didáticos; metodologias de ensino utilizadas para despertar e estimular a prática de leitura, eos gêneros literários infantis trabalhados por ela para aguçar essa prática. Após coletar os dados via questionário, comparou-se ao que se tinha observado na prática da docente, durante a fase exploratória. Assim, os dados da observação e as informações adquiridas pelos questionários foram bastante significativas à realização de um confronto analítico das questões investigadas às discussões teóricas contempladas na pesquisa.

Os sujeitos participantes que expressaram opiniões sobre o tema investigado nos questionários correspondem à docente do 4º Ano B e os seus 22 alunos, sendo 12 homens e 10 mulheres ambos com faixa etária entre 9 e 10 anos. O questionário da docente se constitui de oito questões abertas, sendo elencadas perguntas em torno de sua metodologia, tipo de leituras trabalhadas em sala, bem como as que despertam nos alunos o gosto de ler, assim como a importância de se trabalhar com a literatura infantil. Nesse sentido, considera-se que os participantes ofereceram respostas satisfatórias ao que estava sendo indagado e investigado, ofertando subsídios, conforme se verificará, para que se concretizasse a análise do objeto, isto é, “Os contos de fada no desenvolvimento da leitura”, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

### **2.3 Educadore Educando diante dos Contos de Fadas**

Como já foi discutindo anteriormente, a literatura infantil propicia ao leitor aventuras e descobertas fantásticas, levando o leitor a se encontrar e se identificar com as narrativas. Os contos de fada sempre trazem incutidos nas tramas ensinamentos de moral, valores e hábitos de convivência em sociedade. Assim, a literatura infantil é a responsável por essa canalização de informação, pois através de suas histórias as crianças apreendem e compreendem as regras necessárias para viverem em sociedade. Não obstante, a literatura infantil também contribui no desenvolvimento psicoemocional da criança, auxiliando no desenvolvimento de habilidades, a exemplo do desenho, assim como contribui para formação do leitor crítico-reflexivo.

Dessa forma, evidencia-se a riquíssima contribuição da se trabalhar com a literatura infantil na perspectiva da formação do leitor. Sendo necessário, no entanto, quebrar os paradigmas que permeiam em torno da concepção de leitura, ou seja, da leitura como ato de

decodificar palavras, como afirma Freire (2003) e Martins (2006). Por consequência de um ensino pragmático sem reflexão e interação entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, torna-se um desafio trabalhar com a leitura em sala de aula. Além de ser um ensino técnico, o educador ainda tem que concorrer com as novas tecnologias, isto é, os games eletrônicos. Nesse enfoque, os contos infantis trabalhados na perspectiva reflexiva, de construção de significados, podem consistir uma das estratégias a dispor do educador para vencer essa concorrência, e, acima de tudo, contribuir para a formação do sujeito crítico-reflexivo. Nesse sentido, fazem-se necessárias, para um trabalho eficaz de ensino e prática de leitura, metodologias de ensino dinâmicas e lúdicas, para chamar realmente a atenção das crianças para o que está sendo ensinado. Tendo em vista, parafraseando Zilberman (1998, p. 24), cabe ao professor “detonar” as múltiplas visões que uma obra literária sugere. Assim, entende-se que é necessário o educador trabalhe levando em consideração os conhecimentos prévios do aluno, isto é, a sua visão e percepção sobre um determinado objeto artístico, efetivando-se a formação do sujeito crítico-reflexivo.

Nesse ínterim, segundo a docente participante da pesquisa, é importante trabalhar com a literatura infantil, e que trabalha levando sempre em consideração os conhecimentos prévios dos educando. Assim, ela ressalta que as leituras trabalhadas em sala despertam o interesse dos alunos pelo ato de ler. Nesse enfoque, já propunham os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2001), que, ao trabalhar com a leitura, o educador deve sempre levar em consideração a visão de mundo dos alunos, os conhecimentos prévios adquiridos dentro do seu contexto pessoal, para assim elucidar-se a construção de conhecimentos. O educador mediante o trabalho com a leitura, deve colocar o educando como parte da história. Em outras palavras, a história carece ser algo real na vida do leitor para que ele possa compreender o sentido do texto e resolver seus problemas e conflitos interiores. Dessa forma, afirma Oliveira (2010) que um dos propósitos da literatura infantil, além de contribuir na formação do leitor, é fazer a criança despertar para o desenvolvimento de outras habilidades.

Nesse sentido, durante o processo de observação, constatou-se o que a docente havia confirmado no questionário, que a escola oferece recursos para se trabalhar as estratégias de leituras. A instituição dispõe de uma biblioteca com uma quantidade razoável de livros, de cenários para teatro de fantoches, caixas de leituras (essas caixas são levadas de sala em sala), recursos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, mas que a docente não utiliza. Além disso, a instituição desenvolve um projeto de leitura intitulado “Formando Leitores: Ler é descobrir o mundo”, a qual foi possível ver em prática apenas uma vez.

Em face dessa realidade, questionou-se à docente sobre a sua visão em relação à literatura infantil. A educadora alegou que, através do sentido estético da literatura infantil, a criança compreende a realidade social, produzindo através da mensagem artística uma significação da linguagem. Nesse sentido, entende-se que por meio da simbologia dos contos de fadas a criança se identifica e construir significados na sua realidade.

Em relação aos discentes participantes, os alunos da amostragem responderam a um questionário com oito questões abertas e fechadas, com perguntas suscitadas em torno do hábito de ler; se gostam ou não de ler; se gostam das leituras (textos) realizadas em sala pela docente; se a docente faz um debate; quais os tipos de histórias que gostam quais as histórias que já leram. Enfim, são questões que, no processo de análise dos dados, foram comparadas às vivências verificadas nas observações. Desse modo, perguntou-se aos educandos o que eles acham dos contos de fada, gostam?; Por que gostam? Nesse sentido, entende-se que as respostas foram significativas para o que se estava investigando, deixando perceptível a beleza e as contribuições dos contos de fada no desenvolvimento da leitura. Nesse processo, os alunos se empolgaram bastante, deixando evidente em suas respostas que por meio da leitura podem realizar viagens e descobertas fantásticas.

De um modo geral, mediante os relatos da educadora e ao que se observou em sala, por meio dos contos de fada as crianças conseguem se expressar melhor, desenvolvendo assim a sua autonomia e criticidade. No entanto, os dados da observação revelaram que os educandos precisam ser mais motivados a exercer essa prática, assim como passar a frequentar a biblioteca, considerando que, neste espaço, contempla-se um acervo razoável de livros de literatura infantil. Ou seja, as crianças necessitam sair da monotonia da sala de aula e ver que a prática e a socialização da leitura acontecem em outros âmbitos. Haja vista que, segundo enfatiza Berenblum (2006), a leitura é uma prática sociocultural que acontece em outros ambientes, como também por meio de outras expressões artísticas. Em outras palavras, educador e educandos precisam rever suas práticas de leitura, passando a desempenhar o processo de ensino-aprendizagem em outros espaços de socialização da leitura.

Essas e outras questões referentes às contribuições da literatura infantil, mais especificamente dos contos de fada na formação do leitor, encontram-se analisadas, segundo se verificará, no próximo capítulo desta monografia, cujo propósito consiste em analisar, propondo discussões, de como acontece o processo de ensino-aprendizagem da leitura literária na sala de aula *lócus* de investigação.



### CAPÍTULO III

#### **VIVENDO A REALIDADE E CONSTRUINDO APRENDIZADO**

O trabalho monográfico, conforme dito anteriormente, vincula-se a uma pesquisa de campo, em específico a um estudo de caso realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa, onde se analisa o trabalho da docente da sala de aula do 4º Ano B, bem como as práticas discentes, com a literatura infantil. A investigação busca identificar se a prática da docente está sendo norteada pelas orientações advindas das políticas de formação de leitor, considerando-se a importância dos contos de fada como meio para desenvolver a prática da leitura, cuja finalidade é de formar leitores.

Esta análise tem por objetivo responder as perguntas e hipóteses elucidadas durante o momento da pesquisa, haja vista que se propõem discussões analíticas a partir de acepções dos teóricos que defendem os contos de fada como meio para se aguçar a leitura. Nesse sentido, analisa-se a realidade investigada na sala de aula *lócus* de pesquisa com base, igualmente, nas ações incutidas pela política de formação de leitor, destacando-se a qualificação do profissional da educação e do espaço dinâmico das bibliotecas, para identificar se a instituição segue as propostas ou não; os Parâmetros curriculares como um dos eixos norteadores da prática docente em sala de aula e o PPP (Projeto-Político-Pedagógico) da instituição campo de pesquisa, para identificar se a docente trabalha ou não de acordo com o documento.

A questão norteadora que imbuíu a investigação foi identificar *Qual a relevância dos contos de fada no desenvolvimento da leitura?* Em seguida, foram elaborados objetivos que trilharam o que estava sendo pesquisado. Nesse sentido, o objetivo geral da investigação consiste em: “Analisar o trabalho da docente com os contos de fada para o desenvolvimento da leitura”. A partir desta intenção, foram definidos três objetivos específicos: identificar os gêneros literários utilizada pela docente para aquisição da leitura; descobrir a visão dos alunos em relação aos contos de fada; conhecer estratégias metodológicas utilizada pela docente para incentivar o hábito de ler. Desígnios que foram elaborados para responder a questão norteadora da pesquisa.

Durante a apreciação dos dados adota-se o uso, nesta escrita monográfica, de pseudônimos para preservar os nomes dos sujeitos da amostragem, cujos nomes correspondem a personagens memoráveis das histórias infantis. A docente identifica-se aqui por *Anastácia*, uma representante do senso comum que não tem muito conhecimento das políticas de formação do leitor, mas que através da sua sabedoria popular transmitem as demais crianças do sítio e aos anões da *Branca de Neve*, a importância da leitura na formação do sujeito crítico-reflexivo. Os alunos correspondem a *Pedrinho* e *Emília*, duas crianças aventureiras que faz viagens fascinantes nas histórias contadas pela sua avó Benta; *Alice* no

país das Maravilhas; e os anões *Zangado*, *Feliz* e *Dunga*, cada um com suas características peculiares, cujas ações expõem a importância da literatura infantil na formação do leitor.

### 3.1 Analisando e Construindo Significados no Processo de Ensino-Aprendizagem

A docente participante da pesquisa foi a professora *Anastácia* da sala do 4º ano B, uma profissional que ainda está cursando pedagogia, mas que já atua na área há 6 anos. Ao ser convidada a participar da pesquisa deixou-se ciente que seria preservado o seu nome, que os dados coletados eram apenas para fins acadêmicos. As perguntas elaboradas giravam em torno da sua prática de leitura, formação continuada, conhecimento das políticas de formação de leitor, metodologias de ensino, como trabalhar com os contos de fada, quais os gêneros literários trabalhados em sala, se trabalha de acordo com o PPP da escola, se a escola disponibiliza recursos para trabalhar com esse gênero literário e, sobretudo, qual a sua visão em relação ao trabalho com a literatura infantil.

Nessa perspectiva, *Anastácia* afirmou ser uma leitora assídua e que gosta de ler todos os tipos de gêneros textuais. A partir da fala da entrevistada, percebe-se que a leitura é um exercício importantíssimo que contribui no desenvolvimento de uma prática pedagógica eficaz no processo de ensino-aprendizagem da leitura, pois ela torna-se uma inspiração para os alunos, passando-a a vê-la como referência e apreendendo que é por meio da leitura que se forma o sujeito crítico-reflexivo. Conforme elucida Lacerda (2004, p. 31-32):

[...] o professor tem uma papel importante na formação do leitor, pois além de ser aquele que ensina os conteúdos, é alguém que pode despertar o prazer e o valor da leitura para vida. Assim, se gostar verdadeiramente de ler [...] funcionará como modelo para seus alunos, tornando-se dessa forma uma referência.

Dessa forma, destaca-se a importância do educador ter um perfil de bom leitor para que assim possa contribuir na formação da criança leitora, pois o professor passa a ser um ponto de referência para os discentes, motivando-os com base nas suas metodologias de ensino para a prática da leitura. Nesse sentido, entende-se que metodologias de ensino motivadoras chamam a atenção do aluno para o que está sendo ensinado, contribuindo assim para a concretização do processo de ensino-aprendizagem da criança. No entanto, o profissional da educação deve ser um pesquisador e estar apto à reflexão de sua prática para

desenvolver metodologias de ensino eficazes que atendam as necessidades de seus alunos. Dessa forma, participar de capacitações ou formações continuadas é bastante importante para a formação do profissional da educação, pois o auxilia no aprimoramento de novas metodologias de ensino e um desempenho de um processo de ensino-aprendizagem dinâmico. Nesse enfoque, *Anastácia* relatou que participa de formações continuadas promovidas pela Secretária de Educação do Estado. Perante a essa reposta da docente, percebe-se que ela está se qualificando de acordo com o que se propõe em uma das políticas de formação do leitor. Desse modo, Berenblum (2006, p, 28) enfatiza que:

A formação do profissional como leitor e escritor, portanto, é concomitantemente à reflexão sobre suas práticas pedagógicas, que devem ser o campo fértil sobre o que se problematizam as questões relacionadas à leitura e à escrita de seus alunos. Assim, os programas de formação precisam tratar os professores como leitores, sem o que não se conseguirá desprendê-los da condição única de docente que ensina a ler.

Segundo Berenblum (2006), as formações continuadas auxiliam o docente a refletir sobre a sua prática enquanto leitor, bem como se as dificuldades de seus alunos são oriundas de seu modo de ensinar, de suas metodologias de ensino. Assim, o docente deve se qualificar em torno de se constituir um bom leitor para poder desenvolver uma prática de ensino-aprendizagem eficaz, pois, acima de tudo, ele é o agente que conduz o ensino e a prática de leitura. É o agente motivador que fará os alunos conceberem a leitura na sua singularidade, na sua importância para a formação do sujeito crítico-reflexivo.

Simultaneamente, considera-se como eixo norteador para a prática do docente de ensino-aprendizagem da leitura, além das formações continuadas, o conhecimento sobre as políticas de formação de leitor, pois são ações que o auxiliam a conduzir a prática. Nesse sentido, os PCN's é uma das políticas que norteiam o ensino e o aprendizado da leitura, cuja finalidade é propor perspectivas de como trabalhar com o ensino e a prática de leitura. Considerando-se que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes [...] A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...] Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implicam necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 2001, p. 53).

De acordo com os PCN's (BRASIL, 2001), ao docente implica-se uma apreciação no seu objetivo de ensino da leitura, pois esta atividade não se limita apenas ao ato de decodificar palavras, mas em um exercício reflexivo de apoderar-se do vocábulo e refletir sobre ele, construindo assim significados e conhecimentos, típicos de um sujeito crítico-reflexivo. Nesse sentido, segundo *Anastácia*, ela desconhece as políticas atuais de formação do leitor. Desse modo, apesar de não conhecer os documentos oficiais que conduzem o ensino e a prática de leitura e sendo conhecedora dos conhecimentos populares, *Anastácia* tem a consciência de como se deve trabalhar com a leitura e quais os objetivos que se deve atingir com essa atividade. No entanto, os discursos sobre a importância da leitura se propagam tanto nas capacitações quanto no cotidiano escolar, já que o PPP da instituição é alicerçado nos princípios dos PCN's e da LDB (Lei de Diretrizes e Base).

Nesse sentido, o PPP da instituição contempla um projeto de leitura intitulado: *Formando Leitores: Ler é descobrir o mundo*. A princípio, este projeto mostra-se bastante produtivo do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, pois assim as crianças expressam sua arte de desenhar e desenvolve a sua imaginação por meio da contação de história e do desenho. Porém, durante os quinze dias de observação, constatou-se que o projeto não é colocado em prática rotineiramente, acontecendo dessa forma um desencontro de informações entre o que a docente pratica e o que ela diz realizar na sua prática.

A docente esclareceu que utiliza como gêneros textuais para trabalhar com o ensino e a prática de leitura textos informativos, revistas, jornais, contos, poesia, dentre outros. Nesse sentido, entre os gêneros citados destaca-se como importante para o desenvolvimento da leitura e formação do leitor o trabalho com os contos e a poesia. Como já foi dito anteriormente, os contos de fada transportam a criança para um mundo de fantasias, descobertas, fascínios e viagens a qual ela irá se encontrar e se identificar com as narrativas, haja vista que estas narrativas estão imbuídas de ensinamento moral, valores, hábitos. São histórias com temas que fazem parte da realidade da criança, contribuindo para o desenvolvimento psicoemocional da criança leitora. Segundo Oliveira (2010, p. 35):

Através das histórias o contador pode despertar a imaginação dos ouvintes, transportando-os ao mundo da fantasia que está sendo criado ao seu redor. O fato de a criança gostar de ouvir histórias é muito importante porque ela constrói dentro de si muitas idéias através de descobertas, de outros lugares, outras épocas, outros modos de agir, além de ter a curiosidade respondida podendo esclarecer melhor suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

Assim, percebe-se a relevância da contação de histórias para a formação da criança leitora. Em relação aos contos de fada, a professora *Anastácia* alegou trabalhar com esse gênero literário. Entretanto, durante os quinze dias de observação, verificou-se que a docente desempenhou práticas de leitura apenas com o livro didático e para fins de exercício técnico da gramática, não promovendo assim a troca de conhecimentos prévios entre educador e educando e educando e educando. O ensino da leitura acontece com vistas para uma atividade mecânica, não incidindo em uma reflexão sobre o texto ou história narrada.

Por outro lado, trabalhar com a poesia é de suma importância para o desenvolvimento da leitura, pois as crianças aprendem brincando através da rima e do jogo dinâmico das palavras. Parafraseando Amarilha (1997), a linguagem poética é portadora de elementos lúdicos que proporcionam prazer ao texto. Entre as rimas o autor incute um enigma ao qual cabe ao leitor desvendar o sentido do texto, levando-se sempre em consideração os conhecimentos prévios do leitor. Trabalhar com a poesia é prazerosa, pois envolve o lúdico e a dinâmica das palavras, fazendo suscitar através das rimas o imaginário da criança, a autonomia e a criticidade. Assim, considera-se que:

Participar desse combate com as palavras de maneira lúdica proporciona à criança autoconfiança, pois a cada poema conquistado uma esfinge destruída. A autoconfiança impulsiona o desejo para enfrentar outros monstros, pois uma das características do lúdico é ser uma atividade voluntária, desejada (AMARILHA, 1997, p. 36).

Mediante este enfoque, percebe-se a relevância de se trabalhar com a poesia, já que transporta a criança para um mundo de descobertas, fazendo-a desenvolver o seu pensamento crítico sobre os enigmas incutidos nos poemas. Entretanto, durante os quinze dias de vivências dentro do campo de pesquisa, a educadora *Anastácia* não desenvolveu nenhuma estratégia de leitura com a poesia, apesar de evidenciar em seu questionário o trabalho com este gênero literário.

Ademais, trabalhar levando em consideração os conhecimentos prévios do aluno é de suma importância para a formação da criança leitora e do sujeito crítico-reflexivo, pois a criança através de seu conhecimento de mundo poderá compreender o sentido de um texto ou história. Nesse sentido, Freire (2003), Kleiman (1999), elucidam-se reflexões em torno da importância de se considerar os conhecimentos de mundo dos alunos, para a compreensão da palavra. Nesse percurso reflexivo sobre a importância dos conhecimentos prévios questionou-se à *Anastácia*: “De que forma você trabalha com a literatura infantil?” *Através dos conhecimentos prévios do aluno, diante a leitura a ser trabalhada*. “Você relaciona a história

com o cotidiano do aluno?” *Sim, deve-se analisar e adaptar-se com a realidade social de cada aluno.* De acordo com as respostas da docente, evidencia-se que a educadora *Anastácia* está trabalhando de acordo com as acepções dos teóricos, a exemplo do PCNs (2001) e Paço (2009), porém a resposta dada ao questionário oculta-se na prática da docente, passando a associar a prática de leitura a uma perspectiva técnica.

Simultaneamente, indagou-se à *Anastácia*: “A leitura de um conto, de uma fábula, por exemplo, chama a atenção de seus alunos?” “Como eles se posicionam diante da leitura desse tipo de literatura?” *Sim, eles conseguem expressar seus pensamentos na forma oral e escrita.* Dessa forma, percebe-se a importância de se trabalhar com um gênero literário que esteja de acordo à faixa etária desse público infantil, as narrativas trazem debates que condizem com as vivências da realidade do educando, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo. Nesse enfoque, considera-se que:

Contar histórias contribui para a educação dos pequenos, para formação de seu senso crítico e para assimilação de valores positivos, entre outros benefícios, porque elas são fontes de inspiração, beleza e informação, e acrescentam mais encanto à vida da criança (GATTI, 2010, p. 98).

Os contos de fada são bastante produtivos do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem e da formação do sujeito crítico-reflexivo, pois a partir da leitura ou contação de história a criança consegue desenvolver sua autonomia, expondo seu pensamento crítico. Além disso, é importante considerar os recursos metodológicos como um veículo que auxilia a prática dinâmica da docente em sala, a exemplo de fantoches, caixas de leitura, livros de literatura infantil, cenário para teatro, uma biblioteca atrativa, entre vários outros recursos didáticos que auxiliam na efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Assim, esses recursos podem ser um estímulo à aprendizagem dos educando, pois chamam a sua atenção, aguçando o imaginário.

Nesse sentido, perguntou-se à *Anastácia*: “A escola lhe oferece recursos para trabalhar as estratégias de leitura?” *Sim, a mesma dispõe de uma ampla biblioteca, caixas de leitura e jogos.* Durante a observação verificou-se que instituição disponibiliza de uma biblioteca ampla, climatizada, com jogos, com um acervo de livros razoável, com caixas de leitura. Porém estes materiais, durante os dias de observação, não foram utilizados pela docente na sua prática. A caixa de leitura serve como um veículo que conduz o funcionamento do projeto de leitura existente na escola. A caixa é levada na sala a fim de distribuir diversos livros de literatura para os alunos lerem e depois selecionarem uma história para ser contada a

outra turma no espaço da biblioteca. Nesse projeto, eles enfatizam o trabalho da leitura e da expressão artística por meio do desenho. A princípio esse trabalho instiga e fomenta o prazer da leitura e a formação do leitor, mas não é exercido rotineiramente, pois se constatou, durante a observação, que acontece apenas eventualmente em horas vagas. Mediante a tantos recursos disponibilizado pela instituição, a docente não utiliza na sua prática, trabalha com a leitura apenas com o livro didático e com fins técnicos, não elucida uma prática metodológica dinâmica com o auxílio desses riquíssimos recursos didáticos.

Dentro dessa perspectiva, Berenblum (2006) fomenta ações em torno da qualificação do espaço dinâmico da biblioteca, desde seu acervo até a sua estrutura física, pois como já foi dito no capítulo anterior, as bibliotecas estão sendo extintas ou substituídas por rodas de leitura realizadas dentro da própria sala de aula. Em outras palavras, extinguindo-se como o espaço dinâmico de socialização da leitura. Nesse enfoque Berenblum (2006, p. 31) propõe que:

Tendo em vista o cenário atual dessas bibliotecas, os sistemas de ensino, mais do que estimular as adaptações, devem considerar a possibilidade de salas construídas segundo as exigências da função, com versatilidade capaz de tornar o espaço um ambiente integrado à dinâmica escolar, mas também integrador de outros públicos que por ela devem circular.

Dessa forma, evidencia-se importância de considerar uma biblioteca de acordo com a realidade da comunidade a qual a instituição está inserida, ou seja, um espaço atrativo que contenha um acervo literário diverso, atendendo a todos os grupos sociais que estão inseridos na comunidade. Todavia, o PPP da escola deve contemplar essa pluralidade, propondo ações mediante a realidade dos sujeitos e da comunidade onde a escola está inserida. Ou seja, se a instituição está localizada em uma comunidade cigana, afrodescendente, quilombola, dentre outros grupos sociais, é necessário que o acervo seja de acordo com a realidade do sujeito.

Por outro lado, deve-se apreciar o profissional da biblioteca, este, por sua vez, deve ser formado na área de biblioteconomia. Um profissional apto para atuar no espaço e fomentar o prazer da leitura e a formação do leitor propriamente dito. Mediante a esta realidade, a função de bibliotecário está sendo substituído por profissionais afastados de seus cargos, entre eles o docente ou secretários são presenças constantes neste espaço de socialização da leitura. Nesse enfoque, Berenblum (2006, p. 21) elucida reflexões em torno do profissional da biblioteca, da ausência de concursos para ocuparem o cargo e desenvolver um trabalho eficaz, sendo substituídos por outros profissionais afastados de suas funções.

Na instituição campo de pesquisa, a profissional da biblioteca é uma docente em readaptação de função. Ela não recebe nenhuma qualificação, isto é, não participa de formações continuadas para ocupar o cargo. A escola contém em seu acervo livros didáticos, paradidáticos e de literatura infantil. Um acervo considerado razoável que contribui na efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Porém, é necessário que a docente *Anastácia* reflita sobre a sua prática e introduza metodologias dinâmicas a partir desses recursos, para fomentar o desenvolvimento da leitura. Assim, finalizando as indagações feitas no questionário, perguntou-se à docente: “O que é para você trabalhar com leitura para a formação do sujeito crítico?”. *Anastácia* respondeu que a leitura: *É de suma importância onde a mesma prepara o sujeito, com suas próprias opiniões contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e intelectual do sujeito.*

Mediante esta e outras questões direcionadas à docente, constatou-se que sua prática desvincula-se do seu discurso. Como a professora trabalha contribuindo para formação do sujeito crítico, se durante o ensino e a prática de leitura observada, ela não deixa que os seus alunos exponham seus pontos de vistas? Durante os quinze dias do processo de observação, foram verificados que o ensino e a prática de leitura são realizados com vistas apenas para uma atividade mecânica da gramática, a exemplo, “ditados de palavras”. Ao contrário do que propõem os PCN’s (2001), Freire (2003), Kleiman (1999), dentre vários outros documentos e autores, que defendem o trabalho com a leitura sob uma ótica de formação do sujeito crítico-reflexivo, para que este possa vir a atuar nas diversas conjunturas da sociedade capitalista.

### **3.2 Analisando e Tecendo Reflexões sobre os Questionários dos Educandos**

Partindo da análise da docente, aplicou-se um questionário destinado aos 22 alunos, a fim de realizar um contraponto crítico-analítico entre os dados fornecidos pela docente às afirmações dos discentes sobre a prática efetivada. Dessa forma, entende-se que foram muito significativos os dados coletados com os educandos, pois eles expuseram os seus pontos de vistas em relação aos contos de fada no desenvolvimento da leitura, e como acontece o trabalho com este gênero textual na sala de aula.

Assim, foram suscitadas perguntas em torno de: você gosta de ler? Quais tipos de textos gostam de ler? O que acha da leitura através da literatura infantil? Como a professora trabalha com a leitura em sala? Gostam dos tipos de leitura que a docente realiza em sala? Estas questões foram perguntas que subsidiaram dados significativos para a análise e conclusão desse trabalho. A partir de uma visão panorâmica dos questionários, observou-se

que os alunos gostam da prática de leitura. Contudo, através da observação na sala, evidenciou-se que, no momento da leitura oral, eles se envolvem com a prática, querendo participar da leitura ao mesmo tempo. Todavia, as vivências de leitura silenciosas e orais, segundo elucidam os PCN's, carecem ser realizadas com um objetivo; considerando que: "Toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentidos dentro da atividade na qual se insere e o aluno, deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência - uma ou várias vezes" (BRASIL, 2001, p. 60).

Mediante a proposta dos Parâmetros, para realizar qualquer tipo de leitura, o leitor precisa, primeiramente, ser conhecedor do texto, realizar uma leitura silenciosa para poder construir significados sobre a atividade a ser executada. No entanto, a leitura oral é prazerosa, já que envolve os educandos no processo de ensino-aprendizagem que participam da atividade, suscitando o cognitivo e construindo aprendizagem.

Dessa forma, entende-se que a leitura é uma prática prazerosa para os alunos, assim já afirmava *Pedrinho* em uma das suas respostas ao questionário: *Eu gosto de ler porque eu aprendo muitas coisas lendo, por exemplo, eu faço viagens através da leitura*. Nesse sentido, a leitura propicia viagens, descobertas e aprendizagens fascinantes. Corroborando com Abramovich (1997, p. 16): "[...] ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...". Nessa perspectiva, evidencia-se que através da leitura e dos conhecimentos prévios, o sujeito é capaz de construir significados para compreender o mundo que integra. Dessa forma, a ficção oferta um conhecimento da realidade por meio da linguagem simbólica, o leitor mediante a leitura de conto se maravilha com a narrativa, passando a compreender o seu mundo real (ZILBERMAN, 1998, p. 23).

Além disso, as fábulas, os contos e a poesia são gêneros que retratam histórias que fazem parte da realidade dos educandos. Essas narrativas trazem sempre um fundo moral de ensinamento, fazendo com que o leitor se identifique com os personagens e com a história, buscando compreender e resolver a partir da narrativa os seus problemas interiores. Segundo Bettelheim (1980, p. 14):

Quanto mais tentei entender a razão destas histórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e – sem menosprezar as lutas interiores mais serias que o crescimento pressupõe – oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades presentes.

Em consonância com Bettelheim, evidenciam-se as contribuições dos contos de fada ao desenvolvimento psicoemocional da criança. Através das narrativas a criança leitora tende a uma propensão de compreender a realidade maravilhando com os contos de fada. Em conformidade com essas teorizações, questionou-se aos discentes: “Que tipo de textos você gosta?” *Gosto de contos, textos informativos, porque é muito bom e aprendemos mais.* (Emília). Isto é, são textos que estão de acordo com a faixa etária e conhecimento dos alunos, pois são narrativas que trazem histórias reais vivenciadas pelas crianças, a exemplo de temas como abandono, morte, medo, entre outros. Ou seja, os contos trazem esses ensinamentos e auxiliam as crianças a se encontrarem na história e resolverem seus problemas internos e exteriores. Nessa perspectiva:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimulá-la a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

De acordo a reflexão acima, considera-se que as narrativas suscitam o imaginário da criança, inculcando valores e ensinamentos que auxiliam o leitor a se compreender, bem como ao outro e ao mundo. Sendo assim, a literatura infantil é de suma importância para o desenvolvimento psicoemocional da criança, pois os contos auxiliam o leitor na construção da sua identidade, autonomia e criticidade. Haja vista que auxiliam “[...] no processo de construção da identidade da criança e no desenvolvimento de suas habilidades sociais, culturais e educativas, porque é uma literatura e sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor” (OLIVEIRA, 2010, p. 42).

A literatura infantil é um meio para se aguçar na criança o prazer para leitura, pois, conforme esclarecido anteriormente, transporta-a para situações de aventuras, descobertas e aprendizagens, já que consistem narrativas com tramas que fazem parte da realidade da criança. Nessa direção, indagou-se aos discentes: “O que você acha da leitura realizada por meio da literatura infantil?”. As respostas dos alunos foram muito expressivas, vindo ao encontro com o que se estava sendo investigado, bem como de acordo com as acepções dos teóricos que defendem a literatura com um meio prazeroso de se aguçar o desenvolvimento da leitura. Dessa forma, os entrevistados definiram a literatura infantil usando adjetivos que caracterizam esse gênero literário:

*Acho fantástico!* (já dizia a *Alice* do País das Maravilhas);  
*Eu acho interessante!* (*Dunga*: o simpático e curioso anão);  
*Muito bom porque faz a gente esquecer as coisas e entra no mundo da fantasia.* (*Feliz*: o sorridente anão);  
*Muito legal para que gosta de relaxar, um bom livro é um tipo de terapia para nós divertirmos.* (*Zangado*: o estressante e impaciente anão).

Diante de tão belos depoimentos, verifica-se que a literatura infantil é entendida pelos educandos como um subsídio que contribui para o seu desenvolvimento psicoemocional e imaginativo. Compartilhando com Lacerda (2004, p. 41), os contos são portadores de diversão. Através do lúdico, das aventuras dos personagens, as crianças aprendem brincando. Em seguida, os discentes foram questionados sobre quais as histórias infantis eles conhecem e já tinham lido. Entusiasmadas, as crianças disseram que gostam das histórias de *Chapeuzinho Vermelho*, *Peter Pan*, *Os Três Porquinhos*, *Pinóquio*, *Reinações de Narizinho*, dentre outras. Mediante as suas respostas, percebe-se que as crianças gostam dos contos de fada. No entanto, conforme a prática de observação em sala, considera-se que é necessário que a docente inove a sua prática, buscando desenvolver uma prática de leitura com base na literatura infantil, pois é um gênero literário que desperta a atenção das crianças e aguça o prazer na leitura. Nesse enfoque, considera-se:

É perceptível, mais uma vez, a importante contribuição das histórias infantis para um trabalho a ser realizado em sala de aula. Infelizmente, o que percebemos na prática do cotidiano, é a má utilização desse recurso. Isto ocorre, com já foi dito anteriormente, devido à falta de conhecimento dos professores. Estes, mesmo dispondo de um riquíssimo incentivador de leitura, não sabem fazer um aproveitamento adequado na sala de aula (LACERDA, 2004, p. 43).

De acordo com Lacerda e demais autores que integram este trabalho, o educador enquanto agente que conduz o processo de ensino-aprendizagem precisa rever as suas metodologias de ensino, para desenvolver uma prática dinâmica que desperte a atenção do aluno para a importância da leitura na formação do sujeito crítico-reflexivo. Nesse sentido, entende-se que a docente *Anastácia* precisa rever a sua prática para que possa planejar aulas de leituras mais dinâmicas, estimulando cada vez mais o interesse do aluno para a prática de leitura. Haja vista que os contos de fada motivam o desenvolvimento da leitura, já que:

Através de contos de fadas lidos na sala de aula pelos próprios alunos ou contados pelos professores é possível perceber que as crianças experimentam estados afetivos diferentes daqueles que a vida real pode lhes proporcionar. Assim a presença da literatura infantil na escola representa um estímulo forte

a aprendizagem da leitura. *Adquirindo gosto pela leitura a criança passará a escrever melhor*, e terá um repertório amplo de informações. No mundo atual a literatura infantil surge como uma fonte de conhecimento que enriquece a formação da criança desde o seu primeiro contato com as histórias infantis (OLIVEIRA, 2010, p. 46, grifos nossos).

Nesse sentido, os alunos foram questionados sobre como ocorre o trabalho da docente, se ela realiza um debate após a leitura de um texto, motivando a reflexão e o diálogo coletivo. A pergunta foi elucidada para constatar se é um trabalho sob uma ótica reflexiva ou técnica da gramática, bem como para contestar se a docente trabalha levando em consideração os conhecimentos prévios do aluno. Nessa perspectiva, Zangado respondeu que: *Tem vez que sim, tem vez que não*. Mediante a resposta do entrevistado, e o que se observou na sala, a reflexão e o diálogo dependem muito do tempo que a professora disponibiliza para realizar esta e outras atividades. Quando a docente trabalha com a interpretação de texto, segundo se observou durante os dias em sala, Anastácia apenas copia no quadro as respostas, não acontece uma troca de conhecimentos entre educador e educando. Ou seja, não leva em consideração os conhecimentos prévios do aluno acerca do tema tratado. Tal proposta é realizada com vistas apenas a atender uma finalidade pragmática, técnica de escrita, e não de reflexão.

Desse modo, o aluno Dunga respondeu ao questionário com uma visão técnica do trabalho com a leitura desenvolvido pela educadora: *Ela faz interpretação e produção de texto*. Ou seja, mediante a resposta, o aluno já está acostumado a realizar a leitura como meio para realizar um trabalho de gramática. Contudo, analisando quanto à produção de texto, este é um trabalho produtivo dentro do processo de ensino-aprendizagem, mas não é realizado cotidianamente para aguçar o senso crítico, como também não acontece uma socialização dessas produções, como uma atividade que motivava cada vez mais à escrita e a criticidade do aluno. Nesse sentido, os PCN's (2001, p. 65) ressaltam que: "O trabalho com a produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes". Corroborando com esta proposta, evidencia-se que o educador ao trabalhar com produção textual deve determinar um objetivo a ser atingido. Todavia, como elencam os parâmetros, uma das propostas é formar escritores competentes.

Para saber mais sobre o trabalho da docente em relação à leitura, questionou-se: "Você gosta dos tipos de leitura que a professora pratica em sala de aula? Por quê?" *O livro didático porque ela passa para casa* (Emília). Isto é, permanece incutida para os alunos o ensino e aprendizagem de leitura com vistas à realização de um exercício técnico da gramática. Nesse contexto, conforme resalta Kleiman (1997, p. 30), a atividade de leitura "[...] é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias,

resumos, análises sintáticas, e outras tarefas do ensino da língua”. De acordo com a autora, constata-se o quanto o processo de ensino-aprendizagem de leitura, na perspectiva do mecanicismo, pode tornar-se ambíguo, isto é, sem significado para quem realiza tal processo, pois ambos os sujeitos envolvidos no processo executam apenas com uma visão técnica, pragmática da gramática. Todavia, o docente enquanto agente que conduz o ensino e a prática de leitura precisa inovar suas metodologias de ensino, buscando motivar os alunos a ver a leitura como um fator que o auxilia na formação do sujeito crítico-reflexivo, que esta é uma atividade de apropriação e reflexão do vocábulo.

Dessa forma, ao vivenciar a realidade analisada, verificou-se que os educandos necessitam ser motivados para realizar uma atividade prazerosa de leitura. Como os próprios entrevistados disseram, deixando transparecer tanto nas suas respostas ao questionário como na sua prática em sala de aula, a leitura oferta-lhes conhecimentos e viagens, ou seja, eles têm uma percepção, ainda que superficial, de que a leitura os auxiliam na formação do sujeito crítico-reflexivo. Nesse enfoque, a docente deve rever a sua prática, desenvolvendo metodologias lúdicas e dinâmicas para estimular os alunos para a prática de leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias foram as leituras realizadas buscando compreender as contribuições dos contos de fada no desenvolvimento da leitura. O contato com diversos autores que defendem a literatura infantil como meio para desenvolvimento da leitura, possibilitou identificar dentro do *lócus* de pesquisa o objeto de estudo, cuja finalidade foi de aprofundar o estudo sistemático, concebendo o objeto numa realidade e problemáticas concretas.

Dessa forma, realizou-se na E.E.E. F de Demonstração de Sousa um estudo de caso, através da aplicação de questionários para ambos os sujeitos envolvidos, isto é, educador e educando, vislumbrando coletar dados para analisar o processo de ensino-aprendizagem da leitura, identificando e analisando a prática da leitura sob uma ótica reflexiva ou mecânica. Nessa perspectiva, as leituras realizadas com os autores da literatura infantil, bem como as reflexões sobre as políticas de formação de leitores, proporcionaram-se uma compreensão da realidade estudada, assim como conhecimentos significativos sobre a importância dos contos de fada como estratégia motivadora na formação do leitor.

Assim, com base nos autores compreendeu-se que a literatura infantil, em específico os contos de fada, é uma boa estratégia para o educador trabalhar em sala de aula, objetivando fomentar e desenvolver a prática da leitura e, conseqüentemente, à formação do leitor. Autores como Abramovich(1997), Lacerda (2004), eOliveira (2010), por exemplo, defendem a importância de contar histórias para crianças como um meio para despertar o prazer da leitura. Tendo em vista que as narrativas traduzem a realidade das crianças, fazendo com que elas se encantem com magia dos contos de fada e resolvam seus conflitos, desenvolvendo assim a sua autonomia e criticidade, bem como a sua aprendizagem.

Nesse sentido, trabalhar com os contos de fada nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância para desenvolver o prazer pela leitura e formar leitores. As crianças inseridas, desde cedo, no mundo da leitura passam a vê-la como uma atividade prazerosa e não mecânica. A criança leitora tem a capacidade de desenvolver a sua autonomia, tornando-se um sujeito crítico-reflexivo, ou seja, um sujeito que está apto para atuar sobre os problemas que circundam a sociedade capitalista, defendendo e impondo seus ideais.

Trabalhar com a leitura é uma tarefa árdua, pois o educador enquanto agente responsável pelo processo de ensino-aprendizagem da leitura tem que desenvolver metodologias de ensino que concorram com as inovações tecnológicas, isto é, games

eletrônicos, aos quais as famílias são financiadoras, ao invés de investirem em acervos literários que contribuam na formação do leitor. Assim, o ensino e a prática da leitura ficam defasados, isto é, sem privilégio visto apenas como uma atividade mecânica que conduz ao exercício de atividades gramaticais.

Dessa forma, durante as vivências dentro do campo de pesquisa e a análise da prática docente, constatou-se que a educadora trabalha com a leitura sob uma ótica mecânica, vislumbrando apenas uma atividade técnica da gramática. Essa prática é contrária ao que se propõe nos PCN's (2001). Haja vista que os parâmetros defendem uma prática de leitura reflexiva, na qual o sujeito se apropria do texto e reflete sobre ele. Dentro dessa perspectiva, constatou-se que a educadora não realiza um debate reflexivo, dando oportunidade aos educandos de exporem seus pontos de vista, o seu conhecimento de mundo, a sua leitura de mundo, como dizia Freire (2003). O processo de ensino-aprendizagem da leitura carece acontecer da troca de conhecimentos entre educador e educando, valorizando os conhecimentos prévios de ambos os sujeitos envolvidos, o que na prática deixa a desejar. Ressaltando o que já foi dito anteriormente, os PCN's (2001) propõem aos educadores que trabalhem com a leitura sob uma perspectiva reflexiva, fomentando a formação de leitores competentes para que estes possam vir atuar sobre as conjunturas da sociedade capitalista.

Durante a pesquisa, a docente fala sobre a importância de se trabalhar com a literatura infantil, pois segundo a educadora *Anastácia* através das narrativas os alunos conseguem expor seus pensamentos. Nesse sentido, segundo vários autores, as crianças são propensas a se identificarem com histórias que traduzem a sua realidade, que trazem personagens que vivenciam conflitos semelhantes aos seus, daí a importância de se trabalhar com a literatura infantil, transportando a criança para o mundo da fantasia para compreender a realidade, desenvolvendo assim a sua autonomia e o pensamento crítico-reflexivo. Todavia, durante a pesquisa verificou-se que quando a educadora trabalha com este gênero literário é sob uma ótica mecânica da língua e não uma atividade reflexiva.

Nesse panorama analítico, constatou-se que a docente precisa rever a sua prática, elaborando planos de aula dinâmicos e lúdicos, contemplando os contos de fada como meio para desenvolver a leitura. A educadora precisa conhecer e implementar, nas suas metodologias de ensino, as ações incutidas nas políticas de formação de leitores, cujas finalidades é de capacitar todos os profissionais envolvidos na formação de leitores, isto é, educador e bibliotecários que estão em contato direto com os leitores. Assim como propõem ações para a socialização e dinamização do espaço da biblioteca, ou seja, para que a biblioteca

deixe de ser vista com uma sala de guardar livros velhos, mas como um espaço agradável e prazeroso.

Nessa perspectiva, vários são os autores que defendem a literatura infantil como meio para desenvolver a leitura, além das contribuições que os contos de fada propiciam ao psicoemocional das crianças, fazendo com que elas se conheçam e compreendam a realidade por meio do encantamento do *Era Uma Vez...* Autores como Gatti (2010), Fernandes (2010), Lacerda (2004), entre outros, discorrem discussões sobre as contribuições dos contos de fada para a criança leitora. Assim, evidencia-se na análise que o ensino da leitura no campo de pesquisa precisa ser motivada, bem como a docente carece rever as suas metodologias de ensino, promovendo um ensino dinâmico, lúdico e prazeroso, despertando e motivando os educandos para a prática da leitura.

Nesse sentido, durante o processo de pesquisa, constatou-se que os educandos participantes da análise gostam de ler. Contudo, precisam ser motivados a exercitar essa atividade sob uma ótica reflexiva e não mecânica como a docente vem desenvolvendo a sua prática. Dessa forma, motivar as crianças para a prática da leitura é uma tarefa a ser executada em conjunto, ou seja, família e escola. A família, sendo a primeira instituição responsável pela educação das crianças, deve investir, desde cedo, na formação do leitor, comprando livros, bem como os pais serem contadores de histórias, fazendo as crianças viajarem nas aventuras das narrativas. Em segundo plano, a escola, enquanto instituição responsável pela construção e socialização do conhecimento, deve buscar desenvolver um ensino visando à formação do sujeito crítico-reflexivo, através do ensino da leitura sob uma perspectiva reflexiva e não mecânica, cuja finalidade se volta apenas para uma atividade posterior de gramática.

Nesse sentido, constataram-se durante o período de pesquisa que as crianças se encantam quando se fala em contos de fada se reportando logo as histórias lidas. Porém, evidenciou-se que os educandos precisam ser motivados a exercitar essa prática sob uma perspectiva prazerosa, ou seja, sem serem obrigados a exercitar tal prática. Segundo Solé (1998), a situação mais motivadora que existe é deixar que o educando vá até o cantinho da leitura ou a biblioteca, de forma espontânea e escolha o livro que mais lhe chama a atenção, assim ele estará se libertando de ler para concluir uma atividade técnica e descobrindo o prazer da leitura. Daí a importância dos profissionais da educação ser conhecedores das políticas de formação de leitores, pois as ações incutidas propõem dinamizar e socializar o espaço de aprendizagem da leitura para serem atraentes ao público

leitor, proporcionando descobertas fantásticas que conduzem o leitor ao processo de aprendizagem.

Em síntese, conclui-se que os educandos gostam da prática da leitura, necessitando serem motivados, cada vez mais, a exercer tal prática, assim como serem conscientizados sobre as contribuições que a leitura pode proporcionar-lhes. Um dos subsídios que a leitura oferta é a formação do sujeito crítico-reflexivo, ou seja, o sujeito que a sociedade contemporânea tanto almeja. Aquele que está apto a intervir sobre os problemas que circundam a sociedade, tornando-se não mais um sujeito alienado aos ideais de uma classe dominante, mas aquele que defende os seus interesses. Dessa forma, entende-se que a docente participante da pesquisa precisa rever as suas metodologias de ensino, buscando desenvolver o processo de ensino-aprendizagem com uma metodologia de ensino atraente, dialógica e instigante, fazendo usos dos recursos didáticos disponíveis na instituição, como, por exemplo, caixas de leitura, teatros de fantoches e o espaço da biblioteca.

Assim, as leituras realizadas para a elaboração deste trabalho monográfico, bem como o período de caracterização da instituição, observação e empiria, foram de suma importância para compreender o processo de ensino-aprendizagem da leitura literária na escola, onde se conclui que educador e os educandos do 4º Ano B precisam ser motivados ao exercício de uma prática de leitura sob uma perspectiva reflexiva e emancipadora.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e Bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis-RJ: Vozes, Natal: EDUFRRN, 1997.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. Estudo de caso: seu potencial na educação. In: **Cadernos de Pesquisas**, n. 49, p. 51-54, mai., 1984.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma Política de Formação de Leitores**. Andréa Berenblum, Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Ed: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação, Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

FERNANDES, Hercília M.. A literatura infantil através dos tempos. In: MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues (Org.). **Educação, mídia e cognição**. Bauru-SP: Canal6 Editora, 2010, p. 23-50.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In: LAJOLO, Marisa (Org.). São Paulo: Moderna, 2003.

GATTI, Gislaíne Aparecida dos Santos. Os contos de fadas: a criança e o universo mágico. In: MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues (Org.). **Educação, mídia e cognição**. Bauru-SP: Canal6 Editora, 2010, p. 85-98.

LACERDA, Ester da Silva. **As contribuições das histórias infantis para superar dificuldades da aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Cajazeiras: Gráfica Pontual, 2004. (Digitalizado).

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. A literatura infantil desenvolvendo o intelecto, a imaginação e a emoção. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Educação, mídia e cognição**. Bauru-SP: Canal6 Editora, 2010, p.101-117.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Maria Helena Martins. 19.ed.São Paulo: Brasiliense, 2006.

MEIRELES, Adélia Deus; CUNHA, Djanira do Espírito Santo Lopes; MACIEL, Emanoela Moreira. Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação, Teresina, 2010, **Anais...** VI Encontro de Pesquisa em Educação. PPGE, Teresina: Edufpi, 2010.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 6. ed. Campinas, SP, 1999.

OLIVEIRA, Patrícia Suelis Teles de. **A contribuição dos contos de fada no processo de aprendizagem da criança**. 62 p., 2010 (Monografia). Salvador, Universidade do Estado da Bahia, 2010.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de; PAIVA Sílvia Cristina Fernandes; A Literatura Infantil no processo de formação do leitor. In: **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010.

PAÇO, Gláucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Monte Paixão**. 50 p., 2009 (Monografia). Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Gloria. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 10.ed. São Paulo: Global, 1998.

## **APÊNDICE**

## Apêndice A – Questionário Docente



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CAJAZEIRAS – PB CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Você está sendo convidado(a) para responder este questionário, elaborado por mim, Fernanda Daysy Fernandes de Sousa, estudante do 8º período de Pedagogia. Vale salientar que essa pesquisa é somente para fins acadêmicos, não será divulgado o nome da pessoa que respondeu, assim como o nome da instituição de ensino, pois o mesmo tem por objetivo, a realização do meu projeto de pesquisa, na disciplina **pesquisa em educação II**, e futuramente minha monografia.

### QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

#### Caracterização do docente

Nome: \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica: \_\_\_\_\_ Anos atuação: \_\_\_\_\_

Em qual instituição trabalha? ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Particular.

Você é efetiva? ( ) sim ( ) não.

1- Quais as metodologias de ensino que você utiliza para despertar e estimular o hábito da leitura? Porque?

---



---



---



---

2- Quais os tipos de leitura que são trabalhados em sala? Porque?

---



---



---

3- Como você avalia o interesse de seus alunos pelo ato de ler?

---



---

---

4- Quais os tipos de leitura que despertam o interesse de seus alunos? Por que?

---

---

---

5- A escola lhe oferece recursos para trabalhar as estratégias de leitura?

---

---

6- De que forma você trabalha com a literatura infantil?

---

---

---

---

7- A leitura de um conto, de uma fábula, por exemplo chama a atenção de seus alunos? Como eles se posicionam diante da leitura desse tipo de literatura?

---

---

---

---

8- Você relaciona a história com o cotidiano do aluno? De que forma?

---

---

---

*Obrigada pela atenção.*

## Apêndice B – Questionário Discente



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CAJAZEIRAS – PB  
CURSO DE PEDAGOGIA**

Você está sendo convidado(a) para participar de uma entrevista, realizada por mim, Fernanda Daysy Fernandes de Sousa, estudante do 8º período de Pedagogia

Vale salientar que essa pesquisa é somente para fins acadêmicos, não será divulgado nome do entrevistado(a), assim como o nome da instituição de ensino, pois o mesmo tem por objetivo .A realização do meu projeto de pesquisa, na disciplina PESQUISA EM EDUCAÇÃO II, e futuramente minha monografia.

### QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

#### Caracterização dos discentes

Nome: \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Email: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

1- Você gosta de ler? Porque?

---



---

2- Que tipo de texto você gosta de ler? Porque?

---



---

3- O que você acha da leitura realizada por meio da literatura infantil?

---



---

4- Quais as histórias infantis que você conhece e já leu em sala?

---



---

5- Das histórias abaixo quais a que você conhece?

( ) Peter pan ( ) o pequeno príncipe ( ) branca de neve ( ) chapeuzinho vermelho  
( ) o gato de botas ( ) Rapunzel ( ) renações de narizinho ( ) Pinóquio ( )  
os três porquinhos ( ) a bela e a fera ( ) o patinho feio

6- Marque abaixo quais os tipos de leitura que você gosta de fazer em sala.

( ) livro didático (...) contos (...) lendas ( ) fábulas

7- Depois da leitura de um texto, a professora faz um debate sobre a história? Com é esse debate?

---



---

8- Você gosta dos tipos de leitura que a professora pratica em sala de aula? Porque?

## **ANEXOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**1. INFORMAÇÕES A(O) PARTICIPANTE**

- 1.1.** Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.
- 1.2.** Atendendo à referida Resolução, este Termo contém informações acerca do projeto de pesquisa e seu responsável abaixo mencionado. De pleno direito, o(a) participante deverá tomar conhecimento do teor do projeto para que possa, de modo esclarecido e livre de quaisquer imposições, decidir por sua inclusão, através de sua assinatura ao final do termo, ficando de posse de uma de suas vias, e a outra, de posse do pesquisador.
- 1.3.** Quando se tratar de participante que seja impossibilitado de assinar, no caso de não-alfabetizado, cabe ao pesquisador, na presença de testemunha, fazer a leitura do termo, de forma clara e pausada, repetindo-a, se necessário for, respeitando a condição social, econômica, cultural e intelectual do participante, que, neste caso, deixará sua impressão datiloscópica (marca de seu polegar) na parte final do termo, além de recolher a assinatura da testemunha.
- 1.4.** O participante legalmente incapaz, deve ser representado por seu respectivo responsável, e, no caso de sua ausência, por um representante legalmente constituído pelo Estado, e que possa defender seus direitos, assinando o termo.

## 2. IDENTIFICAÇÃO

**2.1 Título do Projeto de Pesquisa: A relevância da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental**

**2.2 Nome do pesquisador Responsável:** Fernanda Daysy Fernandes de Sousa

**2.3 Instituição proponente:** Universidade Federal de Campina Grande-UFCG / Centro de Formação de Professores-CFP / Unidade Acadêmica de Educação-UAE – Campus de Cajazeiras/PB, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Casas Populares, telefone: (83) Cajazeiras/PB.

**2.4 Finalidade:** Trata-se de um projeto de pesquisa que intencionar analisar como os/as professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental articulam as três dimensões (somativa, diagnóstica e formativa) da avaliação em sua prática docente.

## 3. INFORMAÇÕES ACERCA DO PROJETO DE PESQUISA:

### 3.1 Justificativa:

Atualmente, vários são os problemas que circundam sobre a esfera educacional, entre eles, a leitura é um dos problemas que assola essa realidade. Nesse sentido pretende-se investigar como se encontra o trabalho com a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.

Todavia, existe uma multiplicidade de fatores que contribui para esta situação, ocasionando assim reflexos sobre a conjuntura sócio, político e econômico da sociedade. Sobre um panorama capitalista, o mercado de trabalho necessita de sujeitos ativos e participativos para atuar sobre as controvérsias da sociedade capitalista.

Desta feita, a leitura seria o meio para a formação desses sujeitos críticos, desde que fossem estimulados ao ato de ler. Todavia, esse estímulo necessita partir tanto do corpo docente, quanto do projeto político pedagógico da escola, na qual este projeto tenha como um dos objetivos valorizar a leitura como um dos eixos norteadores da aprendizagem.

Sendo assim, a leitura não está voltada apenas para o ato de decodificar palavras, mas está relacionada também a leitura de mundo, de um olhar, do tempo, de um objeto, etc, ou seja, é a maneira como o leitor ler e compreende as coisas que o cerca.

Nesse sentido, parafraseando Freire (2003, p. 13), ler não apenas decodificar palavras, mas compreender o mundo ao qual estamos inseridos. Assim, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, o leitor compreende as suas vivências de mundo e se introduz no processo de “palvramundo”.

Dentro desta perspectiva, a leitura de mundo e a decodificação de palavras estão intrinsecamente imbricadas, pois só posso compreender o sentido de um texto, a partir da leitura de mundo que faço sobre aquele contexto. Sendo assim, já dizia Martins (2006, p. 32 e 33)

A leitura vai, portanto além do texto [...] O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor.

Desta forma, a leitura da palavra pressupõe da visão de mundo de cada um, interferindo assim na maneira como o sujeito compreenderá o mundo ao qual está inserido.

A leitura é de grande relevância na formação social do sujeito, pois contribui para que ele seja um cidadão participativo, e para que isto aconteça é necessário que o sujeito torne-se desde o seu processo de escolarização um leitor autônomo capaz de expor e defender as suas ideologias.

Nesse sentido, a leitura não é vista apenas como um ato mecânico de identificar palavras, mas como uma ação de reflexão, na qual, o leitor apropria-se da palavra e reflete sobre ela.

Diante disso, Saveli (2007, p. 113) afirma que: “[...] ler é mais do que operar uma decodificação de palavras e de frases, é participar das representações do autor do texto lido e mergulhar em representações equivalentes”.

Assim a leitura, quando bem interpretada possibilita ao leitor uma ação de reflexão, na qual, ele se apropriará da leitura, buscando aplica - lá no seu cotidiano.

Todavia as crianças precisam ser motivadas para que possam desenvolver uma ação reflexiva sobre o que está se lendo, levando-se sempre em consideração os conhecimentos prévios da criança leitor.

Desta forma, Solé (1998, P. 91) assegura que:

[...] trata-se de conhecer e levar em conta o conhecimento prévio das crianças com relação ao texto em questão e de oferecer a ajuda

necessária para que possam construir um significado adequado sobre ele [...]

As crianças precisam ser motivadas sendo desafiadas, ou seja, provocando situações que possibilite reflexões sobre o que se leu, fazendo com que o leitor busque aplicar o texto em seu contexto.

Nessa perspectiva, uma criança quando em processo de escolarização tem a oportunidade de contar e recriar histórias, a partir da leitura de um conto, ela esta se constituindo como sujeito autônomo capaz de atuar dentro da sociedade.

Deste modo, os diferentes tipos de literatura infantil podem contribuir na formação de leitores críticos, contudo a leitura de um conto, de uma fábula, poderá despertar a criticidade da criança, bem como seus sonhos e idealizações. O sujeito que se insere no mundo da leitura desde cedo, futuramente ele se tornará um ser autônomo, participativo e crítico. Já afirmava Martins (2006, p. 17) que:

[...] ler tudo e qualquer coisa [...] seria o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

É assim que se forma o sujeito crítico e participativo, ou seja, aquele que ler de tudo sem que seja obrigado, ler por prazer, está colecionando assim aprendizado ao longo de suas leituras, que poderá favorecê-lo nas atuações em sociedade.

A imersão da criança no mundo da leitura faz com que ela desenvolva várias habilidades, como por exemplo, a expressão oral, a qual está presente na teoria de Gardner das Inteligências múltiplas, quando ele define a inteligência lingüística como a capacidade que um sujeito tem de contar uma história vivida ou um conto, desenvolvendo assim sua expressão oral, pode-se confirmar isso quando o autor Zagonel, (2008. P, 18) destaca que: “Inteligência lingüística - Relaciona-se ao dom da linguagem, à capacidade de falar e articular idéias pela fala (expressão verbal)”

Diante disso, estamos formando sujeitos autônomos e críticos e contribuindo para a sua relação interpessoal dentro da sociedade, todavia a forma como o sujeito se relaciona com um texto lido reflete no seu modo de ser e pensar diante das controvérsias da sociedade.

Nesse sentido Brito (2010), ressalta que a leitura não se funda como uma ação independente, subjetiva, pois o sujeito leitor faz parte de um grupo social que interage com outros sujeitos, e a leitura deste ira contribuir na sua relação interpessoal na sociedade.

Deste modo, pretende-se investigar qual a contribuição da literatura infantil para superar as dificuldades de aprendizagem dos discentes dos anos iniciais do ensino fundamental, com a finalidade de saber quais as estratégias utilizadas pelos professores para despertar nos alunos o interesse pela leitura?

Nessa perspectiva, é de grande relevância a realização de uma pesquisa empírica para saber através de dados concretos a contribuição da literatura infantil na aquisição da aprendizagem e conseqüentemente na formação de leitores autônomos e críticos.

### **3.2 Objetivos:**

#### 3.2.1 Objetivo Geral:

- Analisar como os estímulos e as estratégias de leitura utilizadas pelos professores podem ajudar a melhorar a aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

#### 3.2.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Identificar os tipos de leitura utilizados pelos docentes para despertar a aprendizagem de seus alunos;
- ✓ Conhecer as diferentes estratégias de leitura utilizadas pelos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental;
- ✓ Descobrir qual a visão do professores em relação ao processo de leitura das crianças.

### **3.3 Procedimentos: o planejamento da pesquisa constitui-se da: (especificar aqui o Cronograma de Pesquisa)**

<b>2011</b>	<b>2012</b>
-------------	-------------

<b>ATIVIDADES/ MESES</b>	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
1. Discussão dos temas	X										
2. Levantamento de literatura	X										
3. Elaboração da justificativa e objetivos	X										
4. Entrega da primeira versão do projeto	X										
5. Elaboração da fundamentação teórica.		X									
6. Elaboração da metodologia		X									
7. Entrega da segunda versão do projeto			X								
8. Elaboração dos instrumentos para coleta de dados			X								
9. Coleta de dados				X							
10. Análise do material coletado				X							
11. Entrega do relatório da				X							

análise dos dados.											
12. Entrega do projeto final			X								
13. Elaboração Da Monografia						X	X	X			
14. Revisão do texto									X		
15. Entrega da Monografia											X

- **3.4 Benefícios esperados:** Analisar como os estímulos e as estratégias de leitura utilizadas pelos professores podem ajudar a melhorar a aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

#### 4. GARANTIAS A(O) PARTICIPANTE DE PESQUISA

**4.1** Garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e procedimentos da mesma.

**4.2** Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo *ao seu cuidado ou assistência* (caso o voluntário esteja recebendo cuidado ou assistência no âmbito da instituição onde está sendo realizada a pesquisa).

**4.3** Garantia de que receberá assistência especializada a qualquer eventual necessidade resultante do(s) procedimento(s) de pesquisa, seja essa necessidade, imediata ou tardia. (informar quem se responsabiliza, que tipo, como e por quem será oferecida a assistência).

**4.4** Garantia do sigilo que assegure a privacidade do(a) participante quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e anonimato, visando preservar a integridade de seu nome e dos seus.

**4.5** Garantia de que receberá retorno dos resultados da pesquisa e de sua publicação para fins acadêmicos e científicos, e que os dados coletados serão arquivados e ficarão sob a guarda do pesquisador, estando acessível a(o) participante quando desejar.

**4.6** Garantia de que não terá nenhum ônus com o projeto, que será totalmente custeado pelo pesquisador e/ou patrocinador, e/ou instituição, e que será ressarcido de despesas decorrentes do projeto de pesquisa, como deslocamento, afastamento das atividades e/ou do trabalho, hospedagem, alimentação, bem como será indenizado por eventuais danos diretamente resultantes da pesquisa a curto, a médio ou longo prazo.

**4.7** Garantia de que poderá buscar informações junto ao pesquisador responsável, que estará acessível para esclarecimentos e/ou dúvidas acerca do andamento, conclusão e publicação dos resultados, bem como, de que poderá buscar informações junto a UFCG, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo S/N- Casas Populares, CEP: 58900-000, telefone: (083) 3532-2000. Cajazeiras – PB, que avaliou o trabalho e aprovou o Termo ora apresentado, ou a outras instâncias que podem esclarecer e defender seus direitos, caso manifeste esse desejo.

## **5. CONTATO(S) DISPONIBILIZADO(S) PELO(S) PESQUISADOR(ES)**

Nome da/o pesquisadora/or: Fernanda Daysy Fernandes de Sousa

**5.1.** Ciente da importância da participação do voluntário, o agradece por permitir sua inclusão no acima referido projeto de pesquisa;

**5.2.** Se compromete, reiteradamente, a cumprir a resolução 196/96, e prometem zelar fielmente pelo que neste termo ficou acordado;

**5.3.** Como prova de compromisso, disponibiliza seus dados para contato ao participante:

Dados completos da/o pesquisadora/or:

**Nome: Fernanda Daysy Fernandes de Sousa**

**Endereço: RUA FRANCISCO GONÇALVES RIBEIRO BAIRRO GUANABARA**

## **6. CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO**

Após obter as informações e esclarecimentos sobre o referido projeto de pesquisa e, estando de acordo com o teor desse termo, o (a) participante ou seu representante (no caso de legalmente incapaz), o assina, recebendo uma via, consentindo sua inclusão no protocolo de

pesquisa, de forma livre e gratuita. A outra via do termo fica reservada ao pesquisador, que também assina esse documento.

Município de Sousa/PB, \_\_\_\_\_ de outubro de 2011.

---

Nome do Participante ou Responsável Legal

---

CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante ou Responsável Legal

---

CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável

